



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
– PPGEA



UMA ESCOLA À BEIRA DA LAGOA:  
percepções culturais sobre a comunidade pesqueira e potencialidades para  
educação ambiental

PRISCILA MACHADO GRAÇA

RIO GRANDE

2022

PRISCILA MACHADO GRAÇA

**UMA ESCOLA À BEIRA DA LAGOA:  
percepções culturais sobre a comunidade pesqueira e potencialidades  
para educação ambiental**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA, na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores (as) (EAEFE) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental.

***Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Narjara Mendes Garcia.***

RIO GRANDE

2022

### Ficha Catalográfica

G729u Graça, Priscila Machado.

Uma escola à beira da lagoa: percepções culturais sobre a comunidade pesqueira e potencialidades para educação ambiental / Priscila Machado Graça. – 2022.

94 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2022.

Orientador: Dra. Narjara Mendes Garcia.

1. Comunidade 2. Pesca artesanal 3. Escola 4. Pertencimento 5. Educação ambiental 6. Rio Grande/RS I. Garcia, Narjara Mendes II. Título.

CDU 504:37(816.5)

Catálogo na Fonte: Bibliotecária Valéria Carlosso dos Santos Mazui CRB 10/2704

# Priscila Machado Graça

*“UMA ESCOLA À BEIRA DA LAGOA: PERCEPÇÕES CULTURAIS SOBRE A COMUNIDADE PESQUEIRA E POTENCIALIDADES PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL”*

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

*Narjara M. Garcia*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Narjara Mendes Garcia  
(PPGEA/FURG)

*Luciana Netto Dolci*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Netto Dolci  
(PPGEA/FURG)

*Diana Paula Salomão de Freitas*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Paula Salomão de Freitas  
(PPGE/ UNIPAMPA)

*Sicero Agostinho Miranda*

---

Prof. Dr. Sicero Agostinho Miranda

*AMIGO OCULTO*

*Nas areias das praias  
Por onde caminhei  
Tinha um rastro a mais  
Um rastro que eu não sei  
E na análise dos obstáculos  
Sem entender como cheguei  
A sensação de que não foi sozinho  
Que caminhei*

*Martins, pescador*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio para que eu concretizasse meu sonho de concluir minha pós-graduação em nível de mestrado. A minha irmã e ao meu cunhado que me apoiam, torcem pelo meu sucesso e pela minha realização pessoal.

Agradeço todo o apoio da minha amiga Juliana Duarte Simões que divide comigo desde a graduação os momentos de alegria e angústia, sempre me lembrando que sou capaz, ajudando e dando forças para seguir.

A minha colega Sabrina Macedo que esteve ao meu lado, sempre disposta a ajudar e foi muito parceira nas escritas e nos eventos que participamos.

Agradeço imensamente ao meu noivo pela paciência entendendo-me nos momentos de ausência, dando-me apoio e carinho. Você muitas vezes é quem mais compreende minhas angústias e com certeza é quem luta ao meu lado por todas as nossas conquistas.

A minha querida e incansável orientadora, Narjara Mendes Garcia, que é uma excelente profissional, uma pessoa carinhosa e humana que me apoiou e me orientou ao longo da minha pesquisa. Ela é uma pessoa a qual eu admiro muito, que acredita em mim e sempre esteve presente cuidando não só da pesquisadora, mas da Priscila.

Agradeço a todos os professores do programa de pós-graduação em Educação Ambiental da FURG que me proporcionaram inúmeras aprendizagens e experiências, oportunizando que eu tivesse um olhar sensível.

Agradeço aos queridos membros da minha banca que acompanharam o meu processo de escrita e sempre estiveram dispostos a ajudar no que fosse preciso. Com certeza vocês foram fundamentais para que essa pesquisa se concluísse e as palavras ditas foram muito significativas para que eu pudesse compreender ainda mais o quanto estamos juntos nessa luta por uma sociedade para todos.

Finalmente, agradeço a todas as profissionais participantes da minha pesquisa, vocês contribuíram para conclusão dessa pesquisa.

E finalizo expondo que a luta continua e com a esperança de que essa leitura seja prazerosa e oportunize ótimas reflexões para os leitores.

Gratidão!

*É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que num dado momento, a tua fala seja a tua prática.*

*(Paulo Freire, 1997)*

## RESUMO

O presente trabalho integra a linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores Ambientais. Aborda a temática das relações que se estabelecem entre escola e comunidade em um contexto de pesca artesanal, situado no município do Rio Grande. Apresenta como repertório teórico a perspectiva da Educação Ambiental crítica e transformadora segundo Loureiro (2003; 2004), dialogando com a Geografia Humanista em Marandola (2012) e Santos (1994; 2005; 2008) para discutir o conceito de Pertencimento, entre outros conceitos e autores que me permitem dialogar com as temáticas que envolvem a pesquisa. O objetivo do estudo foi compreender como ocorre a interação entre a escola e a sua comunidade, a partir das percepções da escola sobre a cultura, o pertencimento e os aspectos ambientais da comunidade pesqueira, pela vertente da Educação Ambiental Transformadora. Foi realizado um estudo exploratório nomeado de levantamento bibliográfico, que permitiu colocar em ordem informações pertinentes para a realização da pesquisa e para compreender as relações existentes entre pesquisas já realizadas. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, onde ocorreu uma observação participante, a partir da proposta metodológica de Inserção Ecológica, que considera o olhar ecológico da pesquisadora e permitiu compreender como ocorre os processos de interação das pessoas no e com o contexto a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1996). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as cinco participantes (quatro professoras e um membro da gestão escolar), registros no diário de campo e gravações de áudio, para análise dos dados foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo (Bardin, 2000; Franco, 2007), a fim de legitimar os dados analisados. Os resultados que emergiram a partir da produção dos dados apontam para a necessidade de problematizar as percepções culturais e a relação entre a escola e a comunidade as qual ela está inserida. Visto que, a escola atribui para si à responsabilidade assistencialista frente à comunidade, invertendo por vezes a sua função educacional. Também identificamos que a cultura pesqueira presente na comunidade é pouco visibilizada como parte do conteúdo e abordagem dos projetos escolares. Predomina outras culturas locais voltadas para o comércio e o consumo, o que se relaciona com o contexto promovido pelo capitalismo de descaracterização das culturas tradicionais. Acreditamos que essa pesquisa pode contribuir para a formação de professores para que compreendam a importância que a escola tem na trajetória dos educandos e na comunidade em que se inserem. Entendemos a relevância da Educação Ambiental na escola para a manutenção/resgate da cultura tradicional pesqueira, o (re)conhecimento do pertencimento da cultura local e a problematização da realidade vivenciada pela comunidade.

**Palavras-chave:** Comunidade; Pesca artesanal; Escola; Pertencimento; Educação Ambiental.

## ***RESUMEN***

El presente trabajo integra la línea de investigación en Educación Ambiental: Enseñanza y formación de Educadores Ambientales. Aborda la temática de las relaciones que se establecen entre escuela y comunidad en un contexto de pesca artesanal, ubicado en el municipio de Rio Grande. Presenta como repertorio teórico la perspectiva de la Educación Ambiental crítica y transformadora según Loureiro (2003; 2004), dialogando con la Geografía Humanista en Marandola (2012) y Santos (1994; 2005; 2008) para discutir el concepto de pertenencia, entre otros conceptos y autores que permiten dialogar con los temas que involucran la investigación. El objetivo del estudio fue comprender como ocurre la interacción entre escuela y su comunidad, a partir de las percepciones de la escuela sobre la cultura, la pertenencia y los aspectos ambientales de la comunidad pesquera, por la vertiente de la educación ambiental transformadora. Fue realizado un estudio exploratorio nombrado búsqueda bibliográfica, que permitió ponerse en orden informaciones pertinentes para la realización de la investigación y para comprender las relaciones existentes entre investigaciones ya realizadas. Se trata de una investigación de carácter cualitativo, donde ocurrió una observación activa a partir de la propuesta metodológica de inserción ecológica, que considera la mirada ecológica de la investigadora y permitió comprender como ocurre los procesos de interacción de las personas en él y con el contexto a partir de la teoría Bioecológica del Desarrollo Humano (Bronfenbrenner, 1996). Fueran realizadas entrevistas semiestructuradas con los cinco participantes (cuatro profesoras y un miembro de la gestión escolar), registros en el diario de campo y grabaciones de audio, para análisis de los datos fue utilizada la metodología de Análisis de Contenido (Bardin, 2000; Franco, 2007) con el objetivo de legitimar los datos analizados. Los resultados que han surgido a partir de la producción de los datos apuntan para la necesidad de problematizar las percepciones culturales y la relación entre escuela y comunidad la cual está insertada, dado que la escuela se atribuye a sí misma la responsabilidad de carácter asistencialista frente a la comunidad, invirtiendo a veces su función educacional. También identificamos que la cultura pesquera presente en la comunidad tiene poca visibilidad como parte de los contenidos y abordajes de los proyectos escolares. Prevalecen otras culturas locales dirigidas para el comercio y el consumo, lo que se relaciona con el contexto impulsado por el capitalismo de descartar de las culturas tradicionales. Creemos que esa investigación puede contribuir para la formación de profesores para que comprendan la importancia que la escuela tiene en la trayectoria de los educandos y en la comunidad que pertenecen. Comprendemos la relevancia de la Educación Ambiental en la escuela para el mantenimiento/rescate de la cultura tradicional pesquera, el reconocimiento de pertenencia de la cultura local y la problematización de la realidad vivenciada por la comunidad.

**Palabras clave:** Comunidad; Pesca artesanal; Escuela; Pertenencia; Educación Ambiental.

## **LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS**

<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
<b>CRAF</b>	Centro de Referência em Apoio às Famílias.
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos.
<b>OIT</b>	Convenção 169 da Organização internacional do trabalho.
<b>ONGs</b>	Organizações não governamentais.
<b>NUPEATRO</b>	Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
<b>PNPCT</b>	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
<b>PPCT</b>	Pessoa, processo, contexto e tempo.
<b>TBDH</b>	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Localização do bairro.....	23
---------------------------------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Levantamento do ano de publicação das dissertações e das teses .....	38
Tabela 2 - Levantamento da Instituição em que foram publicadas .....	39
Tabela 3 - Apresentação dos grupos temáticos .....	41
Tabela 4 - Tabela de orçamento prévio .....	85

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	13
1.1	Implicações e experiências da pesquisadora.....	15
2	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA, CAMINHOS PERCORRIDOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	19
2.1	Caminhos para aproximação da escola e da comunidade pesqueira .....	23
2.2	Estratégias de registro e produção dos dados .....	26
3	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDOS SOBRE O TEMA.....	30
3.1	Educação ambiental na escola em comunidades pesqueiras: Revisão sistemática das pesquisas na área da Educação. ....	37
4	O PAPEL DA ESCOLA NA COMUNIDADE PESQUEIRA.....	43
4.1	A escola como referência de educação, assistência e comunicação para a comunidade.....	46
4.2	Os projetos desenvolvidos pela escola .....	51
5	EDUCAÇÃO ESCOLAR E CULTURA PESQUEIRA: APROXIMAÇÕES PARA O PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO .....	54
5.1	Uma escola à beira da Laguna dos Patos: Entre a invisibilidade da pesca artesanal e a visibilidade do shopping no bairro .....	61
5.2	A necessária construção das relações de pertencimento comunitário .....	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
7	REFERÊNCIAS.....	80
8	APÊNDICES .....	85
8.1	Apêndice 1: Orçamento Prévio: .....	85
8.2	Apêndice 2 – Roteiro prévio de entrevista gestão escolar e coordenação.....	86
8.3	Apêndice 3 – Roteiro prévio de entrevista professores (as). ....	87
8.4	Apêndice 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participante.....	88
8.5	Apêndice 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Instituição de Ensino. ....	90

## 1 INTRODUÇÃO

A temática de pesquisa definida para este estudo é a Educação Ambiental no contexto escolar tendo como foco as interações com as famílias de uma comunidade pesqueira. O interesse por esse tema parte da minha experiência inicial como aluna, professora e pesquisadora e sendo pedagoga, acredito ser de extrema importância as relações construídas entre a comunidade escolar e a escola. Busco com essa pesquisa aprofundar conhecimentos que me auxiliem e ajudem outros professores na luta por uma escola para todos e que leve em conta as especificidades, a cultura e os costumes de seus educandos. E para além disso, realizei essa pesquisa para possibilitar que outras pessoas possam ler e compreender a importância que as escolas têm na trajetória de uma criança e para demonstrar também o quanto é importante que essa escola compreenda que os interesses e as questões que perpassam o cotidiano das crianças e suas famílias devem ser respeitadas, possibilitando que as crianças encontrem nas escolas, um local de descobertas, de saberes, de respeito, de troca e de valorização às pessoas e ao ambiente.

A pesquisa realizada teve como objetivo geral compreender como ocorre a interação entre a escola e a sua comunidade, a partir das percepções da escola sobre a cultura, o pertencimento e os aspectos ambientais da comunidade pesqueira, pela vertente da Educação Ambiental Transformadora. Como suporte para o objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos: Analisar as percepções sobre o papel da escola para a promoção da cultura local, como um dos princípios da Educação Ambiental no contexto escolar; investigar sobre o sentimento de pertencimento ao espaço escolar e a comunidade pesqueira; identificar e compreender algumas das influências da cultura local para os ampliar as relações de pertencimento nos processos educativos.

Essa dissertação está estruturada da seguinte forma: o capítulo a seguir, intitulado capítulo 1 apresenta as implicações e experiências da pesquisadora referente a realização da pesquisa. No capítulo 2 são apresentadas a justificativa da pesquisa, as questões que nortearam a pesquisa, os caminhos percorridos e as estratégias metodológicas. Esse capítulo discorre sobre a pesquisa de abordagem qualitativa que tem como proposta metodológica uma Inserção Ecológica e busca um olhar ecológico, compreendendo as quatro dimensões que estão inter-relacionadas, o

PPCT – Pessoa, Processo, Contexto e Tempo. Dimensões presentes na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Como também pode-se observar e obter informações acerca da escola e da comunidade a qual foi escolhida para pesquisa, dos participantes da pesquisa, de como ocorreram os encontros e a inserção ecológica da pesquisadora e as estratégias utilizadas para obtenção dos dados. No capítulo 3 apresentamos a educação ambiental no contexto escolar, abordando estudos sobre o tema. E nesse capítulo é apresentada a revisão sistemática referente as pesquisas realizadas na área da educação que estão relacionadas ao tema das dissertações. Nos capítulos 4 e 5 são apresentadas discussões teóricas e os resultados que emergiram a partir dos dados. As considerações finais são apresentadas no capítulo 6. Seguindo foi organizado as referências e os apêndices da pesquisa.

Desejo uma boa leitura e que esse texto possa contribuir para trajetória de muitos educadores.

## 1.1 Implicações e experiências da pesquisadora

Apresento logo no início da minha dissertação uma citação de Paulo Freire que representa as minhas motivações de pesquisar sobre esse tema. Isso porque acredito que a educação deve colocar em prática as nossas convicções, dessa forma, aproximar as nossas práticas de nossos discursos é buscar promover uma educação com mais qualidade e voltada para as realidades e contextos que estamos imersos.

Acredito ser importante trazer um pouco da minha trajetória, dos meus interesses e do meu percurso até aqui por demonstrar a importância da escola em minha vida, pois durante toda minha trajetória escolar e acadêmica, o papel da instituição “escola” esteve muito presente e foi fundamental para construção dos valores que tenho atualmente.

Desde os primeiros anos escolares, interessei-me por questões relacionadas à compreensão da relação entre escola e família. Porém, só compreendi o porquê desse interesse quando me desafiei a pesquisar e escrever sobre o tema no decorrer da minha graduação e consolidei esse interesse quando escolhi falar sobre “A reunião pedagógica como estratégia de interação entre escola e família”, no meu TCC (trabalho de conclusão de curso) no ano de 2017.

Ao pensar na minha infância, a maioria das minhas recordações envolvem minha família e o ambiente escolar. Primeiramente, lembro-me da dificuldade que eu e minha mãe tivemos referente aos momentos que eu deveria ficar na escola e não tinha a presença dela (mãe) ao meu lado. Lembro-me do sentimento de solidão e afastamento que sentia ao ficar agarrada no portão da escola de Educação Infantil quando minha mãe, nos primeiros dias, me deixava na porta e saía em direção à nossa casa, afastando-se de mim. Não compreendia esse afastamento, tão pouco o porquê minha mãe não ficava comigo e me deixava com “aquelas pessoas estranhas”.

Lembro-me de ser bem acolhida, mas naquele momento não queria ser acolhida, eu queria minha mãe. E esse sentimento durou alguns dias, até que um dia uma das professoras, conversou comigo e me apresentou o piano que tinha na sala de aula, a partir desse dia eu passei a querer ir para escola para ver a professora tocar piano e para que eu pudesse tocar o piano também.

Mas isso não afastou a vontade de ter minha mãe sempre próxima a mim, pois não queria que ela me deixasse na escola e fosse embora, queria que ela ficasse ali

comigo. Ela falava que eu precisava ficar na escola para aprender e eu questionava, perguntando quais os motivos de ela não poder aprender comigo. As respostas eram vagas e eu não compreendia porque minha mãe precisava ir para casa, porém me apeguei muito à professora a qual lembro até hoje com muito carinho, sei que ela foi fundamental nesse processo, pois me acolheu em um momento que mesmo eu sabendo que minha mãe me amava, eu não compreendia por que ela precisava me deixar ali.

Levei esse sentimento até o primeiro ano do Ensino Fundamental, ou melhor dizendo, até o momento em que minha mãe me contou que eu precisava ir para escola para aprender, para que quando chegasse em casa, pudesse ensinar o que aprendi na escola para ela. Lembro-me do brilho no olhar da minha mãe quando ela falava que eu ia aprender a ler e que tinha que prestar atenção no que a professora ensinava, assim eu poderia chegar em casa e ensinar a minha mãe o que tinha aprendido e ela aprenderia a ler comigo. Ela contava que as crianças aprendiam a ler com mais facilidade e que eu iria ajudar ela a aprender, pois quando ela era pequena não teve a oportunidade de ir à escola e não aprendeu a ler e por consequência não era alfabetizada. E assim foram meus primeiros anos escolares, meu interesse em aprender na escola, era para chegar em casa e ensinar o que havia aprendido para minha mãe, que devido a questões pessoais, não foi alfabetizada e não frequentou a escola.

Lembro-me que gostava muito da presença da minha mãe em relação às questões escolares e acredito que esse interesse partia da ideia de que eu iria ajudar a minha mãe a vivenciar o que acontecia no ambiente escolar, nesses momentos ela sempre parecia muito curiosa com o que “eu” estava realizando no período em que estava na escola.

Minha mãe e irmã sempre me apoiaram muito e foram participativas no que diz respeito à participação da família na escola e referente ao apoio da família em relação ao desenvolvimento escolar. Lembro-me de falar que minha mãe não sabia ler, mas ninguém era melhor que ela em fazer contas, minha mãe era ótima em matemática. E assim brincávamos que eu ajudava ela e ela me ajudava.

Assim penso que desde a infância, compreendo nos pequenos detalhes, que hoje para mim são enormes, a importância da escola e do papel do (a) educador (a), aqui compreendido como o (a) professor (a). No decorrer dos anos passei a admirar essa

profissão. É importante aqui relatar que minha madrinha é Pedagoga e sempre ouvi relatos de que seu trabalho era ótimo e que ela era uma excelente professora, isso só aumentava minha admiração e meu interesse pela profissão, pois em minha família, a minha madrinha era um exemplo, uma profissional formada e o mais importante, minha madrinha trabalhava e era muito admirada no trabalho e por nossas famílias. Assim, acredito que essas questões despertaram o meu interesse em ser professora e hoje percebo o quanto o papel da minha família foi fundamental na escolha da minha profissão. Além de compreender o quanto os professores e a escola foram importantes na minha trajetória de vida até aqui.

Sou Pedagoga e atualmente exerço a função de professora de Educação Infantil, já trabalho nessa área há aproximadamente doze anos e tive experiências em escolas públicas e privadas, onde exerci diversas funções dentro do ambiente escolar. Fui auxiliar de turmas, professora substituta, professora da disciplina hora do conto, auxiliar de aluno especial, exerci funções em secretaria escolar no período de férias escolares e por um pequeno período já trabalhei em biblioteca escolar.

Assim, participando desses diversos ambientes dentro dos espaços escolares e compreendendo a importância da escola na minha constituição, observo que a participação das famílias é fundamental para o processo educacional, principalmente nos primeiros anos escolares. Percebo também que as culturas familiares e que permeiam a comunidade em que esses grupos estão inseridos, precisam ser considerados como parte da proposta pedagógica da escola. Porém, na maioria das vezes ainda não vejo muitas iniciativas por parte das escolas em acolher as famílias, em compreender essas famílias e em permitir um diálogo que oportunize que elas participem do desenvolvimento escolar dos educandos, momento em que a família é referência.

No decorrer da minha graduação estive inserida no CRAF – Centro de Referência em Apoio às Famílias, atuando dentro de um projeto coordenado pela Profa. Dra. Narjara Garcia. Realizei pesquisas que abordavam a relação das famílias com o ambiente escolar. No grupo de pesquisa e extensão, também realizava ações comunitárias de formação continuada aos profissionais da educação, saúde e assistência, bem como projeto de educação social e garantia dos direitos fundamentais às crianças e seus familiares. Durante as inserções nas comunidades, participei de uma ação realizada em uma escola da zona urbana do município de Rio

Grande, situada em uma comunidade pesqueira, mais especificamente localizada no bairro IV Secção da Barra. Observei o encantamento nas falas e no olhar das crianças, quando nas dinâmicas propostas ao decorrer das inserções, questionávamos sobre seus interesses pessoais e sobre o seu dia-a-dia fora do ambiente escolar.

Hoje participo de dois grupos de estudos que trabalham temáticas relacionadas à influência da teoria Bioecológica para compreender a relação entre escola e comunidade e a Educação Estético-Ambiental. No grupo ECOINFÂNCIAS<sup>1</sup> participo de leituras e discussões que me encantam e me permitem pensar no outro, no seu desenvolvimento e no contexto em que as pessoas estão inseridas. Os assuntos que abordamos, permeiam a relação das pessoas no contexto e me permitem problematizar acerca da relação entre a escola, as famílias e a comunidade, pensando a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, com isso, tenho a possibilidade de compreender a relação entre escola e comunidade compreendendo como um importante elemento o mapa ecológico no desenvolvimento humano e comunitário.

No grupo NUPEATRO<sup>2</sup>, realizamos leituras e discussões que me permitem ter um olhar mais sensível para compreender os entrelaces da minha pesquisa, pensando no significado das experiências e nos sentidos que as experiências podem atribuir na vida dos participantes. Isso contribui de maneira muito significativa para o meu olhar enquanto pesquisadora e mobiliza a minha investigação para que eu possa compreender um pouco acerca do mundo em que vivemos, através de um olhar sensível e que valoriza o ser humano e suas interações com o mundo.

---

<sup>1</sup> ECOINFÂNCIAS – infâncias, ambientes e ludicidade. Grupo de estudos e pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>2</sup> NUPEATRO - Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

## **2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA, CAMINHOS PERCORRIDOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

As observações realizadas a partir da minha experiência anterior de inserção em uma comunidade pesqueira, como também a observação da minha prática enquanto educadora me levaram a perceber que as escolas mesmo oportunizando um espaço para sua comunidade, por vezes, ainda exercem ações que não levam em conta a cultura, os anseios e as curiosidades dos educandos, não permitindo que a comunidade encontre na escola um local de valorização, de respeito e de troca. Com isso surge as seguintes questões: “Quais são as influências da cultura e do cotidiano de uma comunidade pesqueira nas interações e no processo educativo da escola? A escola ao observar e compreender esses aspectos sociais e culturais está contribuindo para o pertencimento comunitário? Quais percepções da escola que se localiza nessa comunidade sobre o sentimento de pertencimento local e para a promoção da Educação Ambiental?”

Compreendo a relevância das relações construídas entre a escola e a sua comunidade, com destaque para o papel do (a) educador (a) para a relação de pertencimento e educação ambiental dos educandos, para além da seleção de conteúdos pré-estabelecidos. Levando em conta que:

[...] a atuação da escola em relação ao aluno é bastante ampla e diversificada, não se atendo apenas aos aspectos de aprendizagem de conteúdos escolares. São, pois, inúmeros os aspectos, em que é necessário haver concordância de princípios e de atuação entre família e a escola. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010, p.154- 155).

Dessa forma, a escola se constitui enquanto um contexto microssistêmico que promove interações na comunidade em que está inserida, tendo como ponto de partida uma perspectiva socioambiental do local. É relevante que essa perspectiva se constitua a partir de um olhar sistêmico e crítico, problematizando se essa relação está ligada a ações que respeitem o meio ambiente e as políticas, tendo como um dos principais objetivos a sustentabilidade, que se refere à maneira como devemos agir perante a natureza, a fim de cuidá-la e preservá-la.

A sustentabilidade é um processo que deve ser estabelecido em longo prazo, já que para que tenhamos um real desenvolvimento sustentável é necessário pensar

além do nosso atual modelo de desenvolvimento, que é o modelo capitalista. E esse desenvolvimento é fundamental, pois trata-se do cuidado e da preservação dos seres humanos, dos animais, das plantas e de todo o planeta Terra. Para Leff (2001, p.31):

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual caibam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada.

Essa mudança e conscientização necessária de todos (as) que integram a comunidade só será possível por meio da Educação Ambiental e dos seus princípios de pensar o meio ambiente em sua totalidade, integrando as esferas políticas, sociais, econômicas e ambientais.

Com isso, a escola como uma instituição formal de educação, possui um importante papel para o desenvolvimento da humanidade e da sustentabilidade do planeta. Ela deve levar em consideração a diversidade de culturas existentes e conhecer principalmente o local onde está inserida e o público que frequenta essa instituição, pensando no desenvolvimento significativo para os educandos.

A escola não se faz sozinha, ela é composta por educadores (as) que com as suas compreensões de mundo e com os seus direcionamentos pedagógicos constituem seus planos de ação. Está nas mãos dos (as) educadores (as) criar condições para uma educação significativa que favoreça o surgimento de uma outra sociedade. Gadotti afirma que:

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração capitalista do trabalho [...] (GADOTTI 1998, p.82).

Acredito que a escola e os profissionais da educação devem exercer um papel efetivo em suas relações com a comunidade a qual ela pertence e deve levar em consideração as especificidades dos indivíduos inseridos no ambiente escolar. E

assim a comunidade também deve sentir-se pertencente ao espaço escolar. Possibilitando o respeito às infâncias e as questões que envolvem a vida das crianças nessa fase. Essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, pois ao decorrer da pesquisa, busquei compreender significados, crenças, valores e ações. Essa compreensão esteve pautada nas análises acerca das interações e dos processos que ocorrem e se estabelecem entre as pessoas e o ambiente (MINAYO, 1994).

Trata-se de uma observação participante, que possui como principal característica a participação da pesquisadora com o tema investigado, ou seja, a partir da interação entre a pesquisadora e participantes da pesquisa, acontece a observação acerca do que foi observado e registrado. Essas observações e interações realizadas com os sujeitos integrantes da pesquisa transformaram-se nos dados que foram analisados.

Para realizar essa pesquisa utilizei a “Inserção Ecológica”, uma proposta metodológica desenvolvida pelos autores Cecconello e Koller (2003). Essa metodologia leva em conta os estudos do autor Urie Bronfenbrenner e envolve a sistematização dos quatro aspectos do modelo PPCT (pessoa, processo, contexto e tempo).

Nessa pesquisa o “olhar ecológico” da pesquisadora, poderá ser identificado seguindo as seguintes dimensões bioecológicas, o PPCT<sup>3</sup> que estarão presentes da seguinte forma:

- O processo: os processos de relação estabelecidos entre escola e comunidade.
- A pessoa: os participantes da pesquisa (gestor, professor, criança, familiar, representante da comunidade e pesquisador).
- O contexto: o entorno de onde está inserida a comunidade de pescadores artesanais, localizada em uma zona urbana do município de Rio Grande - RS.
- O tempo: presente ao decorrer da pesquisa, levando em conta acontecimentos próximos, como também distantes como as lembranças/histórias dos participantes.

Esse método de pesquisa tem por objetivo avaliar os processos de interação entre as pessoas “no” e “com” o contexto o qual elas estão inseridas e desenvolvendo-se. Quando falamos de contexto, devemos considerar que o mesmo foi dividido em

---

<sup>3</sup> Pessoa, processo, contexto e tempo.

quatro níveis de interação o microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (Bronfenbrenner, 1979/1996). Assim é importante salientar que a inserção ecológica ocorre nas relações microssistêmicas, ocorrem os processos proximais e deve ir mais além sistematizando o olhar e compreendendo os demais sistemas presentes, ampliando assim o campo de investigação do pesquisador.

A pesquisadora ao realizar o método de inserção ecológica, estabelece uma relação de reciprocidade com os participantes da pesquisa, inserindo-se na comunidade. E essa relação também é levada em conta no momento da sistematização dos dados e dos resultados da pesquisa. A pesquisadora é uma parte importante da pesquisa e dessa forma ela não pode ser considerada neutra, pois ela possui seu próprio processo pessoal de desenvolvimento e sua presença influencia, como também ela é influenciada a partir do momento em estabelece essa interação/relação com os participantes da pesquisa.

Sendo assim, a pesquisa de abordagem qualitativa que tem como proposta metodológica uma Inserção Ecológica e busca um olhar ecológico, compreendendo as quatro dimensões que estão inter-relacionadas, o PPCT – Pessoa, Processo, Contexto e Tempo. Dimensões presentes na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH<sup>4</sup>), que nos permite compreender os processos que se estabelecem ao decorrer do desenvolvimento humano, desenvolvimento que se dá a partir da relação entre as pessoas e das pessoas no contexto cultural ao qual elas se encontram. E é de suma importância lembrar que quando falamos de desenvolvimento humano, devemos estar cientes que esse é instável e está em constante transformação.

---

<sup>4</sup> Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

## 2.1 Caminhos para aproximação da escola e da comunidade pesqueira

Para realização da pesquisa foi escolhida uma escola que se localiza na zona urbana do município de Rio Grande - RS e está inserida em uma comunidade de pescadores artesanais. É importante aqui salientar que essa comunidade não se refere à mesma comunidade citada na introdução do texto, quando trago uma inserção em uma escola localizada em uma comunidade pesqueira. Essa pesquisa foi realizada em outra comunidade, que possui envolvimento direto com a pesca artesanal, mas que devido a sua localidade no município sofre grandes influências das características de uma zona urbana.

A comunidade de pescadores artesanais escolhida para realização da pesquisa é uma comunidade como citada anteriormente, que se localiza na Zona Urbana do Município do Rio Grande, essa comunidade é localizada no bairro São Miguel. Esse bairro sofreu grandes transformações ao longo dos últimos anos, visto que próximo ao bairro foi construído (o ponto de integração dos ônibus do município) e um shopping center. E no bairro é localizada também a empresa Noiva do Mar, empresa de oferta à frota de transporte público do município.



Figura 1<sup>5</sup> – Localização do bairro.  
Fonte: Google Maps.

---

<sup>5</sup> Localização disponível em:

[https://www.google.com/maps/place/Vila+Sao+Miguel,+Rio+Grande++RS/data=!4m2!3m1!1s0x95119a316db37d03:0xa9dbc4324a2fb19a?sa=X&ved=2ahUKEwil04\\_v\\_9\\_rAhUfIrKGHaNgbmUQ8gEwAHoEAsQAQ](https://www.google.com/maps/place/Vila+Sao+Miguel,+Rio+Grande++RS/data=!4m2!3m1!1s0x95119a316db37d03:0xa9dbc4324a2fb19a?sa=X&ved=2ahUKEwil04_v_9_rAhUfIrKGHaNgbmUQ8gEwAHoEAsQAQ) Acesso disponível em: 10/9/2020.

A escola que participou da pesquisa é uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na comunidade pesqueira do bairro São Miguel. Essa escola possui aproximadamente 950 alunos e funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), com turmas da Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental, e no turno noturno com turmas de EJA<sup>6</sup> composta pelos seguintes blocos, (bloco I – etapas 1 a 4, bloco II etapas de 5 a 9). A escola está próxima ao shopping center e ao estacionamento da empresa Noiva do mar.

As participantes envolvidas nessa pesquisa foram uma gestora membro da direção e coordenadora escolar e quatro professoras que atuam até o 5º ano do Ensino Fundamental nos níveis Anos Iniciais regular e Educação de Jovens e Adultos. Foram realizadas entrevistas individuais com cada uma das participantes.

Para organização das falas saliento que utilizei codificações ao me referir a cada uma das participantes da pesquisa. As codificações seguem a seguintes nomenclaturas: (Gestão Escolar) para a participante que respondeu o questionário na posição de membro da direção e coordenação e para as demais participantes que lecionam na instituição suas falas foram intituladas como (professora A – EJA e professora B – EJA) e (professora C – Anos Iniciais e professora D – Anos Iniciais) respeitando os níveis aos quais elas estavam lecionando nos anos de 2020 e 2021.

O processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido foi realizado por meio de conversa e envio de um e-mail para o gestor da instituição e para os demais participantes. O mesmo ocorreu de maneira clara e objetiva, buscando a melhor compreensão dos participantes acerca das intenções da pesquisadora, a fim de construir um clima de mútua confiança e assegurando uma comunicação plena e interativa.

Durante todo o percurso de aceite e pesquisa a Instituição e os participantes tiveram a oportunidade de esclarecer suas dúvidas, bem como dispor do tempo que lhe for adequado para a tomada de uma decisão autônoma. Os participantes puderam escolher o local para a entrevista e eventuais questionamentos (um local que lhes transmitia segurança), onde queriam encontrar a pesquisadora, podendo ser na escola, nas suas casas, em ambiente virtual ou em outros lugares. Buscando sempre, respeitar a realidade social e segurança de cada participante.

---

<sup>6</sup> Educação de Jovens e Adultos.

Após aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa, me deparei com um desafio no processo de inserção ecológica. A dificuldade de comunicação em relação ao encontro com as participantes da pesquisa, visto que ainda estávamos em aulas em sua totalidade na modalidade online e algumas das participantes informarem que gostariam de encontrar a pesquisadora na instituição de ensino.

Sendo assim, na busca de organizar o encontro no momento e local que oportunizasse conforto para as participantes, a produção dos dados foi estendendo-se e só foi possível ser finalizada após o retorno presencial das profissionais. Aqui informo que como estamos em um momento atípico devido a pandemia do Covid-19 e como foi mencionado na metodologia, todas as participantes puderam escolher os locais onde seriam realizados os nossos encontros e onde foram realizadas as entrevistas. Dentre esses locais, foi oportunizado o ambiente virtual como também, locais onde a pesquisadora foi ao encontro dos participantes, que em sua maioria escolheu encontrar a pesquisadora na escola participante da pesquisa.

Portanto informo que os encontros com uma das profissionais convidadas foram realizados online e com quatro das profissionais convidadas foi realizado presencialmente na instituição de ensino participante, onde tive acesso ao ambiente escolar como também tive a oportunidade de observar o retorno dos profissionais da escola e de alguns alunos, registrando esses momentos no diário de campo. E aproveitando o retorno a comunidade para realização da inserção ecológica. Aqui também aproveito para informar que foram realizados os questionamentos previamente pensados pela pesquisadora, porém informo a participação de 5 participantes, devido a indicação por parte da escola ser de uma pessoa que no momento da pesquisa estava envolvida em dois cargos dentro da instituição que eram necessários para produção dos dados.

Assim as conversas/entrevistas realizadas para a produção dos dados da pesquisa, foram realizadas com 4 professoras e 1 profissional que atua na direção e na coordenação escolar em turnos distintos. Os demais encontros que fizeram parte da inserção ecológica da pesquisadora na instituição foram realizados remotamente por transmissões ao vivo e em encontros online (encontros propostos pela escola ao decorrer das aulas remotas, onde professores e educandos participavam).

## 2.2. Estratégias de registro e produção dos dados

Durante a pesquisa foram utilizados os seguintes recursos a fim de legitimar ainda mais os dados coletados. Foi realizada uma **entrevista semiestruturada** com intuito de compreender quais as relações se estabelecem entre a escola e a comunidade, visando compreender se a escola se compreende como parte dessa comunidade e leva em conta as suas especificidades.

As entrevistas semiestruturadas são entrevistas com questões abertas que são previamente estruturas ou que podem surgir espontaneamente ao longo do diálogo entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Essa pesquisa oportuniza uma maior flexibilidade para conseguir compreender o que é necessário para o desenvolvimento da pesquisa. O autor Trivínos (1987) informa que uma entrevista semiestruturada, “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (p.152). O autor também nos apresenta que a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos, que devem levar em conta teorias e questionamentos mais complexos acerca do que pretendemos explorar na pesquisa. E esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador, colher frutos dos questionamentos já realizados e levantar novas hipóteses que podem surgir ao longo das respostas dos participantes (TRIVIÑOS, 1987).

A princípio essa pesquisa não irá gerar nenhum risco, tanto para a pesquisadora quanto para os participantes da pesquisa. Mas é importante salientar que caso a pesquisa tivesse gerado algum desconforto para os participantes, esses poderiam retirar a sua autorização a qualquer momento ao decorrer da realização da pesquisa. Em caso de evento adverso relacionado à pesquisa, a pesquisadora garantiu assistência imediata, integral e gratuita ao participante.

Além disso, almeja-se que a pesquisa traga benefícios a escola e a comunidade, benefícios não diretos em decorrência da participação dos participantes. Mas sim, um provável benefício que advirá da pesquisa, benefício que é a conscientização dos participantes de ter contribuído para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Principalmente no que diz respeito ao seu relacionamento e a compreensão da importância dessa relação de respeito e pertencimento.

Ao decorrer de todo o processo de “Inserção Ecológica”, a pesquisadora, utilizou o **diário de campo**, que segundo o autor Meihy (2005, p. 187), o diário de campo deve funcionar “[...] como um diário em que o roteiro prático seja anotado – quando foram feitos os contatos, quais os estágios para se chegar à pessoa entrevistada, como correu a gravação, eventuais incidentes de percurso”.

Sendo assim, compreendo que diário de campo é um instrumento utilizado para registrar/anotar toda e qualquer informação obtida em campo, local da pesquisa, esses dados posteriormente serão analisados e interpretados pela pesquisadora, a fim de compreender os quais as informações foram relevantes para pesquisa, informações que são de grande ajuda no momento das análises.

Também foram realizadas gravações de áudio. Todos os participantes foram comunicados no momento de início e término das gravações. As gravações foram feitas por um aparelho celular, específico para esse momento, não sendo o mesmo aparelho utilizado diariamente pela pesquisadora. E as gravações foram transcritas após cada entrevista e fizeram parte dos dados analisados.

Para analisar os dados foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo. Alicerçada pela autora Bardin (2000), que se refere ao tratamento dos dados produzidos ao decorrer da pesquisa, com foco em uma abordagem qualitativa que possui o intuito de conseguir compreender o comportamento dos participantes da pesquisa. Retomo que, para compreender essa metodologia me embasei nas autoras Bardin (1988) e Minayo (1998), e para realização da análise irei utilizar as três etapas para a análise de conteúdos: 1<sup>a</sup>- pré análise, onde realizarei a leitura de todo o material coletado, a princípio sem compromisso de sistematizar nesse momento, mas com intuito de compreender de uma forma global quais foram as principais ideias e os seus significados de maneira geral; 2<sup>a</sup>- exploração do material, que refere-se a um processo dinâmico e indutivo onde fiz recortes de trechos com significados pertinentes a pesquisa; 3<sup>a</sup>- tratamento dos resultados, momento em que irei intervir e trazer à tona minha interpretação das informações coletadas para elaboração do texto final para finalizar os resultados.

Por fim, ressalto que os dados analisados aqui foram os que emergiram da inserção ecológica que estão registrados no diário de campo, nas transcrições das gravações de áudio e do diálogo realizado ao longo das entrevistas semiestruturadas que também fazem parte do registro do diário. Essa pesquisa só ocorreu após

aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG). Aprovação que levou aproximadamente 7 meses do envio até o aceite (de dezembro de 2019 a julho de 2020) e ocasionou no atraso para realização da inserção ecológica. O qual tinha a informação de que a pesquisa seria suspensa ou encerrada caso ocorresse a desistência da instituição participante, como também a possibilidade de não aceite do número de profissionais necessários para realização da coleta de dados (total de 6 participantes, dois gestores “direção e coordenação” e quatro professores).

Como critério de inclusão dos participantes, apresento a participação dos profissionais da gestão (um diretor ou vice diretor e um coordenador) e de (quatro) professores indicados pela gestão, e a conscientização e entrega assinada dos termos de consentimento livre e esclarecido aprovado pelo CEP FURG, redigido e entregue pela pesquisadora, referente a participação desses participantes. E como critério de exclusão dos participantes, apresento a recusa em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Ou caso, o participante se exonere do cargo ou mude de escola durante o período da pesquisa. Referindo-se aos participantes da pesquisa e aos dados da pesquisa, ressalto que foi garantido o sigilo que assegurou a privacidade e o anonimato dos sujeitos e Instituição quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houve sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa. Declaro que, os dados coletados ficarão armazenados por 5 anos em uma HD externa na sala da orientadora da dissertação, professora Doutora Narjara Mendes Garcia, em sua sala de permanência, na FURG.

Também foi garantida a liberdade da retirada de consentimento e ou da pesquisa a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. E não houve nenhum gasto por parte dos participantes que aceitaram participar da pesquisa e os mesmos também não receberam nenhum pagamento com a sua participação. Somente foi previsto os gastos por parte da pesquisadora, gastos em relação a impressão dos termos, compra de uma HD externa para armazenar os dados produzidos e para transporte e eventuais casualidades.

Completo esse capítulo com o desabafo em relação ao prazer de conseguir finalizar minha dissertação para obtenção do meu título de mestra em Educação Ambiental, visto que inúmeros foram os desafios apresentados ao decorrer da pesquisa e principalmente no momento em que foi preciso enviá-la para aprovação

do Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG). Já que inúmeros foram os empecilhos relacionados a apresentação da metodologia da dissertação e em relação a escrita e organização de “termos/palavras/estrutura” as quais a avaliação por parte do comitê acredita ser necessária para realização da pesquisa. Sendo assim, inúmeros foram os envios e os retornos com pendências levando assim, ao atraso para o início da produção dos dados que levaram aos resultados da pesquisa.

### **3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDOS SOBRE O TEMA**

Acredito na importância de trazer ao diálogo a relação entre a sociedade e a natureza e ir mais além, por isso, aqui proponho-me a falar sobre a importância de as escolas promoverem propostas pedagógicas que levem em conta a realidade dos educandos. O foco dessa sessão está nas relações culturais e no conceito amplo de cultura, onde procuro problematizar que não há somente uma ideia de cultura e que na modernidade já podemos considerar a ideia de culturas, pois elas são múltiplas e variam a todo momento, considerando o contexto social e histórico dos indivíduos.

Compreendo que a escola é um ambiente ao qual perpassam muitas culturas, dito isso, é pertinente pensar que sua metodologia deve levar em conta a realidade e as curiosidades dos educandos ali inseridos. Promovendo ações que busquem sanar as dúvidas e acrescentar descobertas acerca do que é realidade para os educandos, tornando assim, sua proposta mais atrativa e efetiva, buscando formar indivíduos conscientes de si, dos outros e do mundo.

As problematizações aqui levantadas partem de uma reflexão epistemológica voltada para reflexão da relação sociedade/natureza. Essas problematizações visam levantar questões pertinentes para o desenvolvimento de seres humanos críticos, capazes de questionar e se impor perante a sociedade. Loureiro (2004) nos diz que: “é estritamente histórico e cultural o modo como nos definimos como natureza e a entendemos a partir das relações sociais e do modo de produção e organização de dado contexto” (p.38). Isso ressalta a relevância de que os educadores pensem nas suas propostas, abordando temas concretos que envolvem a vida pessoal dos seus educandos e da comunidade a qual eles residem.

Abordando a Educação Ambiental e a Educação Estética tendo em vista que a ampliação dos sentidos humanos é uma questão central da Educação Estética como também é importantíssima para o desenvolvimento da Educação Ambiental, como abordado por (ESTEVEZ, 1993). Segundo Esteves, (2003, p.51) “[...] a educação estética traz a possibilidade de incitar à atividade bela e criadora em todas as relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade”.

Sendo assim, as propostas precisam estar pautadas em experiências que busquem o diálogo com o interno dos sujeitos, com aquilo que lhes é essencial, como

seus valores, experiências e sentidos formados em suas relações, elas precisam ir ao encontro do despertar dos sentimentos e das reflexões acerca do mundo vivido, isso porque “as experiências são significadas porque fazem sentido para o sujeito” (DOLCI, 2014, p. 173). Nesse mesmo sentido, recorro das palavras de Freire (1995, p.42) ao afirmar que

“a forma de estar sendo de seus alunos e alunas, seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem”, consideram o seu contexto histórico e cultural, e tudo que esse contexto oferece. Esse pensamento possibilita a construção de indivíduos para o mundo e conhecedores dos seus valores, direitos e deveres perante a sociedade.

Também considero relevante destacar nesse momento uma citação de Santos (1986, p.20) que nos diz que “as culturas se movem não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir”. Abrindo para a compreensão que as culturas não são estanques elas passam por processos de transformação, processos que levam em conta nossa sociedade contemporânea e a realidade posta na sociedade atual.

Essas interlocuções feitas com as ideias dos autores me auxiliam a problematizar a construção das relações sociais e culturais dos sujeitos, a partir da construção de saberes partindo do lugar. Isso porque acredito que a sala de aula é um lugar de troca, de descobrimento, de encantamento e de valorização social. E mais do que isso, em minhas reflexões de vida, consigo identificar lugares incríveis que fazem parte da minha constituição e que recordo com muito carinho.

Pensando nesses lugares, compreendo, que nem sempre um lugar que a meu ver é bom, seguro e bonito é visto por outras pessoas da mesma forma. Os lugares nada mais são do que os significados pessoais que atribuímos a eles. Muitas vezes passamos por lugares e vivenciamos coisas que a princípio nos passam despercebidas, mas que assumem um significado importante em nossas vidas, além disso, inúmeras vezes um determinado lugar nos proporciona diferentes experiências. E quando voltamos a esses lugares ou lembramos deles, nossos pensamentos estão carregados de intenções que buscam respostas e muitas vezes dão sentido a esses lugares, sentidos que podem ser positivos ou não, que nos levam a pensar que os lugares são demarcados pelas experiências que vivenciamos e refletimos acerca dos mesmos. Assim, a cada visita ou recordação, articulamos novos sentidos ao lugar.

Não vivemos em uma sociedade igualitária e, por isso, devemos pensar em práticas sociais e em alternativas que possibilitem que os indivíduos permitam-se compreender sua realidade e a realidade da sua comunidade. Isso possibilita compreender o mecanismo de desenvolvimento posto e a luta por direitos garantidos e lugares que se desenvolvam em prol dos interesses e da realidade de determinados povos e ou comunidades, assim, devemos pensar nos homens e mulheres como sujeitos históricos que constroem sua realidade social e criam e recriam o modo como nos relacionamos com a natureza e nos definimos enquanto natureza (LOUREIRO, 2003).

Desta forma, pensando no lugar como construção social é pertinente refletir que, se nós “seres humanos” interagimos no e com os lugares, são esses lugares que nos permitem inúmeras experiências e aprendizagens. Assim como a autora Livia de Oliveira (2012, p. 03) afirma, o sentido que atribuímos a determinado lugar, acarreta no sentido que atribuímos a vida e conseqüentemente ao sentido que atribuímos ao tempo. Trazendo a reflexão de que os lugares nos constituem à medida que vamos lhes atribuindo significados.

Refletindo sobre esse conceito, comecei a pensar no lugar e na realidade socioambiental da comunidade a qual pretendo realizar minha pesquisa, uma comunidade pesqueira da cidade do Rio Grande/RS, buscando um olhar voltado para a nossa cidade e focando aqui, nas escolas de comunidade pesqueira. Escolhi como lugar para a minha pesquisa uma comunidade pesqueira, inserida em uma zona urbana.

Ressalto que segundo pesquisas realizadas no município, a pesca tem um caráter transgeracional, sendo assim, as concepções/crenças são passadas através das gerações. Sobre este ponto a autora (GARCIA, 2007, p. 67) reforça em sua dissertação que “pode-se afirmar que as gerações familiares aprendem, modificam e ensinam os saberes, valores, hábitos, normas e padrões de convivência transmitidos pelas gerações anteriores”. Assim podemos perceber que a comunidade pesqueira mantém aspectos que são passados de geração para geração e, assim, podem desenvolver a sua prática de pesca artesanal levando em conta o lugar onde a comunidade está inserida e os aspectos desse lugar, aspectos que também estão em constantes transformações que influenciam nas mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Tendo em vista então, que os lugares estão em permanente mudança (Santos, 1994), a compreensão de lugar é pautada nos seguintes pares dialéticos: interno e externo, novo e velho, local e global. Pensando assim, o interno compõe o que está presente no lugar, e o externo refere-se ao que é visto como o que é de fora do lugar (não pertencente aquele determinado local). Porém é importante ressaltar que o externo ao se inserir em um lugar se internaliza. De acordo com o autor Chaveiro (2012):

A análise da qualidade do lugar depende, então, das concepções geográficas e de suas conexões. Sendo assim, o lugar sempre é composto de variáveis internas e externas conforme convergências, aglutinações e conflitos. Se não pode haver um lugar sem variáveis internas, não há como existir sem a interferência de variáveis externas. Por essa via de compreensão, o lugar é uma síntese em movimento dessas naturezas de variáveis e de seus sentidos. (CHAVEIRO, 2012, p. 270)

Esses aspectos também abordam o conceito de redes abordado pelo autor Milton Santos (2008), onde ele ao abordar os temas verticalidades e horizontalidades, explica que eles caracterizam e reorganizam o lugar. Ao dialogar sobre o tema o autor informa que “as verticalidades são, pois, portadoras de uma ordem implacável, cuja convocação incessante a segui-la representa um convite ao estranhamento” e “As horizontalidades são zonas da contigüidade que formam extensões contínuas.” (SANTOS, 2008, p. 53). Esses aspectos citados pelo autor indicam que os lugares possuem elementos internos e externos que atuam e modificam a cultura do lugar. Ainda de acordo com o autor, a definição de lugar está relacionada com a definição de espaço, conforme ele nos coloca neste trecho:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Este pensamento nos possibilita cada vez mais pensar na construção dos lugares e na realidade socioambiental desses lugares. Pensando no desenvolvimento e na forma de produção da comunidade escolhida para realização da pesquisa, busco

compreender as concepções e a cultura que permeia o ambiente dos pescadores artesanais e de seus familiares.

Desta forma, compreende-se que um lugar possui muitos significados, histórias, culturas e por ele perpassam muitas relações. Para autora Livia de Oliveira (2012, p. 12) “lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos”. Trazendo a relevância da articulação entre os sentidos atribuídos por gerações passadas e os sentidos do atribuídos ao presente, para a construção das tradições de dado lugar.

Sendo assim, é de suma importância ressaltar nesse texto, que os espaços e lugares não são neutros e que nós nos constituímos no mundo e com o mundo. O lugar faz parte do nosso cotidiano e é a partir dele que nos inserimos no mundo. E é através dos lugares que experienciamos as relações. Sendo assim, “[...] é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa existência no mundo.” (MARANDOLA; HOLZER; OLIVEIRA, 2012, p. 228).

Desta forma, percebe-se que o lugar está para além do espaço físico e do que é percebido, o lugar pode ser vivido e experienciado. E assim, Cousin nos define o lugar como: “carregado de experiências e desejos pessoais, é uma realidade que deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe dão significado” (COUSIN, 2010, p. 91). A autora traz para o diálogo aspectos pessoais e sentimentais da população que ocupa o lugar ao afirmar que esse lugar é composto por experiências e desejos pessoais, destacando assim, a importância de valorizar também esses aspectos constitutivos do lugar.

A partir dessas compreensões, remeto-me ao meu desejo enquanto pesquisadora de escrever esse trabalho de dissertação pensando em um dos lugares que passamos durante o decorrer de nossas vidas, a escola, que se constitui em um lugar repleto de significados e aprendizagens, carregado de experiências e realizações pessoais.

Em minhas reflexões busco pensar nas relações construídas na escola, nas coisas boas ou não ali vivenciadas e nas aprendizagens que perpassam os lugares dentro do ambiente escolar, o que me leva a compreender que as pessoas também fazem parte dos lugares e possuem grande influência sobre os mesmos.

[...] o corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher a propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recurso de estranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo – e de descoberta. (CHAVEIRO, 2012, p. 250)

Ao observar que com o corpo experienciamos os lugares, damos sentido aos mesmos e nos permitimos construir nossa história no mundo, com e nos mais diversos lugares. Ainda teorizando sobre o corpo, o autor afirma que:

[...] o corpo é guardião de lugares, registro de trajetórias experienciadas por onde se passou e também pelo registro do que desejou transitar e não o fez. O corpo como estatuto da existência, em diagramas sociais, orna-se corporeidade que sofre representações. Isto é, experimenta-se os lugares com os órgãos, com as vontades, com o desejo, mediante as ações sociais do trabalho, afetivas, sensoriais e no logro dos conflitos do mundo. (CHAVEIRO, 2012, p. 277)

Pensar nesses corpos presentes no lugar, nas histórias que permeiam a vida desses sujeitos e nos sentidos que eles atribuem aos seus ambientes, me remete às lutas que esses sujeitos enfrentem em suas jornadas de vida. Com anseio de lutar pelos direitos garantidos, aqui pensando não só, mas também nos Povos e Comunidades Tradicionais e no desenvolvimento dos educandos que vivem em comunidades de pescadores artesanais, busco dialogar com conceitos de Educação Ambiental transformadora, uma educação desenvolvida através da práxis social, voltada para ação-reflexão-ação (LOREIRO, 2003). Escolho dialogar com a Educação Ambiental transformadora por acreditar que ela possibilita para a sociedade, o conhecimento de si, do outro e do mundo. Tornando possível problematizar as questões que vão sendo apresentadas ao decorrer de toda uma vida.

Para falar de comunidade pesqueira e trabalhar com os aspectos internos dessa comunidade, precisamos reconhecer os sujeitos que nela vivem e produzem história e cultura. Indivíduos que vivem e reproduzem sua realidade socioambiental, não só em sua comunidade como para a sociedade em geral. Sociedade essa, que muitas vezes não leva em consideração as necessidades, anseios e conhecimento de determinados povos e comunidades aqui vistas como tradicionais e que possuem

grande influência para o desenvolvimento do local e do global. Comunidades e povos que em sua maioria desenvolvem um trabalho voltado aos recursos naturais do planeta, pessoas que reconhecem a importância desses recursos e buscam preservar com intuito de dar continuidade ao desenvolvimento de suas famílias e da sociedade em geral.

Desta forma, trago dois pensamentos de Loureiro que nos permitem pensar educação e educação ambiental, quando nos diz que: “Educação Ambiental, é antes de tudo educação” (LOUREIRO, 2004, p. 15) e também ao afirmar que:

A educação, além de intencional e dialógica, é teórica, ao exigir que conhecimentos e conceitos sejam produzidos e socializados, e é prática. É prática, pois o que aprendemos e conhecemos serve em primeiro lugar para possibilitar que atendamos a uma necessidade que temos. (LOUREIRO, 2015, p. 166).

Assim, percebe-se que a ação educativa proposta pelo autor possui um intuito e é direcionada para construção da igualdade e promoção da diversidade. O autor também ressalta a importância de os conhecimentos atenderem as necessidades humanas, nesses pensamentos que trouxe para a dissertação, o autor traz aspectos inerentes ao processo educativo como o diálogo, a intencionalidade, a teoria e a prática desses conhecimentos. Uma educação transformadora busca potencializar a função social da Educação Ambiental, Sato e Carvalho (2005, p. 12) nos afirmam que: “A Educação Ambiental se apresenta como uma educação voltada à construção de novas formas de ser, pensar e conhecer, construindo um novo campo de saber”. As autoras reforçam o sentido dado à educação por Loureiro, confirmando que a Educação Ambiental transformadora objetiva um pensar crítico e voltado para as relações dos seres humanos.

Acredito que a Educação Ambiental está presente em diversos lugares e tempos, com intuito de compreender o cotidiano dos indivíduos e provocar reflexões que potencializem a função social da Educação Ambiental para com a sociedade. Para pensar uma educação transformadora é imprescindível compreender que essa educação visa à prática de envolver a realidade e os interesses da sociedade em suas ações, nada mais é do que pensar e repensar relações e ações em prol dos direitos, realidade e saberes dos indivíduos. Loureiro (2003) ao falar de Educação Ambiental transformadora nos diz que:

Logo, uma Educação Ambiental Transformadora não é aquela que visa interpretar, informar e conhecer a realidade, mas busca compreender e teorizar na atividade humana, ampliar a consciência e revolucionar a totalidade que constituímos e pela qual somos constituídos. (LOUREIRO, 2003, p.44)

Colocando como foco o ambiente escolar das comunidades pesqueiras, é pertinente pensar que devemos respeitar a realidade dos indivíduos inseridos na escola e buscar estratégias que valorizem as aprendizagens já obtidas e que a estimule, a aprender e descobrir novas coisas, respeitando o seu tempo, suas curiosidades e os saberes já construídos, compreendendo que muitos dos seus saberes são culturais e estão sendo passados de geração para geração e assim vão se constituindo saberes que podem ou não ser modificados com o passar do tempo.

### **3.1 Educação ambiental na escola em comunidades pesqueiras: Revisão sistemática das pesquisas na área da Educação.**

Em busca de pesquisas já realizadas no âmbito acadêmico e que estão relacionadas ao meu tema de pesquisa, fui até o portal de periódicos da CAPES <sup>7</sup>, <https://www.periodicos.capes.gov.br/>, e realizei a busca por dissertações e teses realizadas no período dos últimos dez anos (2010 a 2020), na área do conhecimento das ciências humanas e educação e por fim grifando a área de atuação em Educação Ambiental. Nessa pesquisa encontrei 166 títulos referentes à pesquisa. Após leitura dos títulos foram selecionados 19 trabalhos, assim parti para a leitura dos resumos os quais me permitiram selecionar 8 trabalhos aos quais identifiquei mais proximidades com o que me desafio a pesquisar. O tipo de levantamento utilizado é nomeado de levantamento bibliográfico, que se refere a uma etapa prévia para realização de uma pesquisa científica. Visto que após a escolha do tema, se faz necessário realizar um estudo exploratório, com o objetivo de recolher informações preliminares sobre o assunto abordado pelo pesquisador. Assim como definem Marconi e Lakatos (2010, p.142) “[...] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes

---

<sup>7</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

relacionados ao tema.”. O levantamento bibliográfico permitiu colocar em ordem informações pertinentes para a realização da pesquisa e para compreender as relações existentes entre pesquisas já realizadas sobre o tema pesquisado.

Compreendendo isso, percebo que o estudo referente ao levantamento bibliográfico me permitiu ter um olhar panorâmico e observar as possibilidades que poderão ou não contribuir para a construção da escrita da minha dissertação, a partir das produções já construídas sobre o tema. Conforme Eco (1989, p. 42):

Em suma, o levantamento bibliográfico fornecerá o rumo de toda a sequência da pesquisa. Dará o conhecimento das obras básicas e dos aspectos gerais do tema escolhido, permitindo a delimitação do problema de investigação. Fará com que o pesquisador tenha a correta noção da amplitude dos trabalhos já realizados no campo, o que o auxiliará sobremaneira na posterior revisão bibliográfica.

Permitindo assim, uma compreensão acerca do que já foi escrito sobre o assunto que pretendo pesquisar e o conhecimento de alguns dos autores que abordam o tema em questão. Dessa forma, apresento os resultados encontrados em uma tabela que mostra os resultados classificando-os por teses e dissertações e o ano de publicação.

Tabela 1

Levantamento do ano de publicação das dissertações e teses

<b>Ano de publicação/defesa</b>	2011	2013	2014	2015	2016	2018
<b>Dissertações</b>	1	1	1	1	1	1
<b>Teses</b>	X	1	X	X	1	X

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Inicialmente observei que no período de tempo selecionado para pesquisa e referindo-se aqui aos trabalhos selecionados ao final do levantamento, foram encontradas seis dissertações e duas teses referentes ao tema pesquisado.

Após a construção dessa tabela inicial, parti para construção de uma tabela a qual tem a finalidade de informar acerca dos temas que cada uma das pesquisas encontradas trata diretamente. Já aproveito e saliento aqui, que a tabela foi dividida em dois principais conceitos, os quais me permitiram melhor compreensão e visão dos assuntos tratados ao logo do tempo e do tipo de pesquisa realizada.

Tabela 2

Apresentação dos principais conceitos.

<b>PRINCIPAL CONCEITO 1</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>ANO</b>
Comunidades Pesqueiras	Dissertação	2013
	Tese	2013
	Dissertação	2015
<b>PRINCIPAL CONCEITO 2</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>ANO</b>
Educação Ambiental na Escola	Dissertação	2011
	Dissertação	2014
	Dissertação	2017
	Tese	2017
	Dissertação	2018

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Relato que não foram encontradas pesquisas, nesse período de tempo, que tratassem dos dois temas simultaneamente. Como também, não foram encontradas

pesquisas realizadas ao decorrer dos anos 2010, 2012, 2016 e 2019 (até então “agosto de 2020” publicadas).

Para melhor compreensão de como foram realizados os levantamentos e de como cheguei aos resultados que ao meu ver são pertinentes para a minha pesquisa, mas que não são os desejados ao realizar o levantamento, visto que se meu intuito é pesquisar acerca da relação entre escola e comunidade pesqueira, assim não encontrar nos últimos dez anos, pesquisas que falam simultaneamente dos dois assuntos entrelaçando-os e construindo saberes a partir desse tema, ao meu ver não atinge o meu objetivo de construir junto com o que já foi pesquisado e não a partir do que já foi pesquisado separadamente, fazendo então a ligação entre os temas aqui abordados nos grupos temáticos.

Portando a metodologia de análise utilizada neste levantamento bibliográfico foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2000, FRANCO, 2007), alicerçada em BARDIN (2000). A análise de conteúdo é um dos tipos de tratamento de dados, que parte de uma perspectiva de pesquisa dialética na educação, com um foco em uma abordagem qualitativa que tem o intuito de conseguir compreender o comportamento de determinado público alvo e não de contabilizar quantidades como resultado.

Baseando-me nas leituras realizadas sobre Bardin (1988) e Minayo (1998), organizei meu levantamento bibliográfico utilizando as três etapas para análise de conteúdo que são: 1<sup>a</sup> - fase exploratória, no qual eu observei os títulos e após li com atenção os resumos e as palavras chaves identificadas em cada trabalho. 2<sup>a</sup> - fase de coleta de dados, que se refere a leitura das oito pesquisas selecionadas e a 3<sup>a</sup> - fase de análise de dados, na qual me permitiu construir o próximo gráfico e compreender e comparar as pesquisas realizadas, para assim, levantar questões pertinentes para minha pesquisa.

Para organização do gráfico saliento que utilizei codificações ao me referir a cada uma das pesquisas levantadas. As codificações seguem a seguinte nomenclatura (D) para dissertações e (T) para teses. E juntamente com a titulação irei utilizar os últimos dois dígitos que equivalem ao ano da pesquisa. EXEMPLO: dissertação do ano 2011 – D11.

Tabela 3

Apresentação dos grupos temáticos.

<b>GRUPO TEMÁTICO 1</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
<b>Histórias e Memórias</b>	D11
	D13
	T13
	D15
<b>GRUPO TEMÁTICO 2</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
<b>Relação de pertencimento ao local</b>	D11
	T13
	D17
	T17
	D18
<b>GRUPO TEMÁTICO 3</b>	<b>CODIFICAÇÃO</b>
<b>Um olhar para Educação Escolar</b>	D11
	D14
	D17
	T17
	D18

Fonte: Elaboração própria, 2020.

No grupo temático 1, que se refere a questões de histórias e memórias, se evidencia que nessas pesquisas, as pesquisadoras buscaram ouvir os participantes buscando relação do atual com as experiências passadas, ouvindo também a sua interpretação do que estava sendo problematizado na pesquisa para compreender a realidade atual do participante. Nesse grupo encontram-se as pesquisas D11, D13, T13 e D15.

No grupo temático 2, que se refere a questões relação de pertencimento que os participantes tinham com o local ao qual a pesquisa pretendia problematizar

(escola, comunidade pesqueira). Nesse grupo encontram-se as pesquisas D11, T13, D17, T17 e D18.

No grupo temático 3, que se refere a questões sobre o olhar para educação escolar, problematiza-se o papel da escola para o desenvolvimento dos educandos, a influência que a escola possui na vida não só dos alunos como também de toda a comunidade a qual ela está inserida, pensando também, no papel dessa escola para constituição dos sujeitos, no respeito as culturas presentes no ambiente escolar e nas influências que marcam as gerações de estudantes favorecendo ou não as suas aprendizagens e tornando-as ou não significativas. Nesse grupo encontram-se as pesquisas D11, D 14, D17, T17 e D18.

Contudo, a construção do levantamento bibliográfico me permitiu dar seguimento na minha escrita teórica e ter um olhar mais atento aos caminhos que pretendia seguir para realização da minha pesquisa. Na busca do que eu evidenciei em todas as pesquisas encontradas. Que foi uma transformação social e uma melhor compreensão do local pesquisado e dos indivíduos que ali estão inseridos.

Na sequência apresento os resultados e a discussão a partir da articulação entre os aportes teóricos, os relatos extraídos das entrevistas realizadas com as profissionais da escola e as minhas anotações em diário de campo.

#### **4 O PAPEL DA ESCOLA NA COMUNIDADE PESQUEIRA**

Para compreender a relação entre escola e comunidade, cabe destacar a ideia de interação mesossistêmica abordada por (Bronfenbrenner, 1996), que se refere a uma relação que se dá entre os microssistemas, ou seja, uma relação comunitária. A escola e a família são microssistemas em que ocorrem o desenvolvimento humano. As relações microssistêmicas são consideradas ações mais diretas de face a face, relações estáveis e que são significativas de forma direta para o desenvolvimento dos seres humanos. Sendo assim, é importante aqui salientar que o mesossistema refere-se à participação dos indivíduos em mais de um ambiente, ambientes esses que são definidos como um conjunto de microssistemas. Dessa forma, podemos afirmar que a comunidade é esse conjunto de microssistemas e que a partir das relações estabelecidas podem constituir saberes culturais, processos educativos, percepções significativas sobre o local e o global.

A reflexão sobre as relações culturais construídas entre o microssistema escola e o mesossistema comunidade, remete-me a Veiga-Neto (2003) que em uma de suas obras pondera que ao longo dos últimos dois ou três séculos as discussões sobre cultura e educação restringiam-se quase que apenas as questões de superfície. Não querendo dizer que as questões tenham sido superficiais, mas afirmando que durante muito tempo a modernidade não questionou seriamente os conceitos sobre cultura e educação, salientando que quase nunca esteve em pauta problematizar seus significados modernos.

Aceitou-se, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor - fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários etc. Nesse sentido, a cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade. (Veiga-Neto, 2003, p. 7).

O autor refere-se a uma cultura elitizada, voltada para termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos e literários, que não considera e valoriza a construção de todos os sujeitos nas suas relações no e com o mundo. De modo geral aceitou-se como cultura apenas aspectos reconhecidos como da cultura clássica e não

na constituição cotidiana do ser humano. Tais problematizações vêm sendo vistas com mais frequência no ambiente escolar, que na maioria das vezes busca compreender o ser humano e as questões que envolvem esse indivíduo, para assim formar os educandos.

O autor Veiga-Neto (2003), salienta que a modernidade esteve mergulhada por longo tempo em uma epistemologia monocultural. Pretendendo dizer que a educação era entendida como caminho para atingir as formas mais elevadas de cultura, tendo como modelos as conquistas dos grupos sociais mais educados e assim vistos como mais cultos. E não reconhecendo como cultura, o que vinha das classes mais baixas. Porém, muito desse conceito vem sendo desconstruído nos dias atuais. E hoje ao falar de cultura, percebemos que como nos diz Santos:

Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior as outras. Existem no entanto, processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeira e concretas entre elas. (SANTOS, 1986, p.17).

Buscando aprofundar ainda mais o conceito, na obra de Veiga-Neto, o autor salienta que foi nos anos 20 do século passado que começaram a surgir as rachaduras no conceito moderno de cultura e assim começou-se a desconstruir ou até mesmo, algumas vezes, apresentar o conceito moderno e nos mostrar, que é melhor falarmos de culturas em vez de falarmos em cultura. Dessa forma, compreendo que a cultura perpassa também todas as ações do cotidiano escolar. Tanto quando falamos de organização de gestão e construções dos documentos educacionais, quanto nas relações e na rotina escolar.

Segundo a autora Fabiany de Cássia Tavares Silva (2006), “ainda que os primeiros trabalhos tenham surgido nos anos 1980, a ideia de uma cultura escolar se fortaleceu nos anos 1990, apresentando atualmente diferenciadas tendências investigativas” (2006, p.202). Em uma reflexão sobre os principais atributos conferidos à cultura escolar, percebo que os principais influenciadores dessa cultura advêm dos elementos centrais que podem compor a mesma, que partem das famílias, dos professores, dos gestores e dos educandos. Segundo o autor Viñao Frago (2000), a cultura escolar é vista como aqueles conjuntos de práticas, de ideias, de

procedimentos e de normas. Que são expressadas a partir do pensar e do fazer no cotidiano escolar. O autor afirma que:

[...] esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 100).

Para o autor a cultura escolar, evidencia que a escola não é somente um local de transmissão de conhecimentos e conteúdos, vai muito além disso. Podemos pensar na escola também como um local de “inculcação de comportamentos e de habitus” (JULIA, 2001, p. 14). Além disso, pensar no processo de construção da cultura escolar, me remete a pensar em sujeitos que compõe essa cultura, educadores e educandos, que trazem em suas jornadas elementos que se unem e criticamente constroem o sentido educacional que acreditamos, trago Dolci (2014, p. 173) ao dizer que:

Acredito na Educação Estético-Ambiental, no sentido de proporcionar a experiência de um processo e de um percurso críticos que conduzam professor e aluno a compreenderem melhor o mundo, compreenderem quem são, o que podem ser e como chegaram a ser o que são.

Contudo essa caminhada em algumas escolas ainda está a passos lentos, isso porque percebo que as escolas têm construído um padrão cultural que leva em conta as ações e práticas exercidas no ambiente escolar e em mais de uma instituição. O que muitas vezes, favorece no desenvolvimento do raciocínio e dá soluções para problemas de convivência. Mas isso não quer dizer que as escolas estão constituindo-se pensando nas culturas existentes em seu espaço e não diz também que suas práticas levam em conta as especificidades culturais de cada educando e ou comunidade a qual está inserida a escola.

#### **4.1 A escola como referência de educação, assistência e comunicação para a comunidade**

No decorrer dos relatos de pesquisa podemos evidenciar acerca de como a escola é referência dentro da comunidade e quais ações são promovidas pela e na escola, ações voltadas para comunidade e que também foi evidenciado que oportuniza uma forte ligação entre escola e comunidade.

**A escola como referencial de apoio e educação das famílias da comunidade**, ao longo das conversas foram abordadas questões com as participantes relacionadas a como a escola envolve a comunidade no seu dia a dia, como as famílias da comunidade participam do cotidiano escolar dos educandos e sobre o papel da escola na relação com a comunidade. Em sua totalidade, as participantes responderam que a escola possui um papel muito importante na e para a comunidade e que as famílias percebem o contexto escolar como referência para ajuda-las no que for necessário relacionado as questões de assistência pública, relacionadas a educação, saúde e segurança. As entrevistadas relataram que **a comunidade percebe a escola como referencial de apoio e educação para as famílias da localidade**. Que a escola tem se mostrado uma forte aliada do município em relação às campanhas e eventos realizados dentro da comunidade eventos que não só abordam questões propriamente relacionadas à educação, mas também relacionadas à saúde e segurança da população.

Nos discursos ficou evidente que, a escola é vista como local de aprendizagem, emergência e lazer. A escola segundo as participantes é procurada pelas famílias e auxilia as mesmas em questões que envolvem suporte de comunicação entre comunidade e gestão de funcionamento da cidade (saúde, educação, segurança e lazer). A seguir apresento algumas falas das participantes relacionadas a papel da escola na e para comunidade: “*A escola tá sempre ajudando com alimentação e tudo*” (Professora D – Anos Iniciais). Relatos que envolvem a segurança, saúde e relacionados ao suprimento de necessidades como falta de alimentos e vestimenta.

Nós ali sempre oferecemos o nosso espaço, a própria brigada militar, quando tem alguma atividade que se faz lá (...) a escola ainda é o referencial dessas famílias tanto que na pandemia nós

notamos que eles sempre mantiveram contato a gente teve um canal próprio para vigilância sanitária, cartão SUS essas mobilizações que atendem vários serviços.  
(Professora D – Anos Iniciais).

Procura não só por parte da população como também dos órgãos públicos e prefeitura, *“abertura sempre que a própria prefeitura precisou de algum espaço a escola é o referencial, alguma campanha o próprio pessoal da vigilância sanitária, do cartão SUS”* (Gestão Escolar). Ambas as falas nos possibilitam evidenciar acerca do papel que a escola vem exercendo frente a comunidade.

Refletindo que, nas falas apresentadas acima ficou evidente que a escola é vista como o centro de comunicação entre comunidade e gestão da cidade, centralizando ali as questões educacionais e assistencialistas. A escola é vista como local de aprendizagem, emergência e lazer, ao ser percebida como um suporte de comunicação entre comunidade e gestão de funcionamento da cidade (saúde, educação, segurança e lazer). *“Nós não temos ali pracinhas, nós não temos espaço de lazer. Então a escola é referência dessas crianças dessas famílias para tudo”* (Gestão Escolar). Aqui nós temos a fala da participante da gestão que reforça que a escola é compreendida pela comunidade como centro de referência de inúmeras questões que fazem parte do cotidiano dos educandos, famílias e população que residem próximo a escola.

Algumas das participantes ainda relataram que, a escola é bem importante para comunidade, não só para resgatar os aspectos culturais dessa comunidade, mas também para dar apoio as crianças carentes que residem na comunidade e frequentam a escola. *“Bem importante em vários aspectos, não só culturais, mas também de apoio as crianças carentes (...) em relação a comida, ao agasalho”*. (Professora D – Anos Iniciais)

A participante professora C – Anos Iniciais relata que observa que os moradores têm a visão que a escola é provedora, a que oportuniza que eles consigam cestas básicas e encaminhamentos para consultas médicas. E tanto em sua fala, como na fala das demais participantes, pode-se observar que os espaços da escola são utilizados frequentemente para questões assistencialistas. Tendo em vista a urgência de atenção dessa comunidade, mas da mesma forma trazendo responsabilidades que vão além do âmbito educacional da instituição de ensino. Essas inúmeras ações

realizadas dentro do local escola são importantes para o desenvolvimento e conhecimento dos educandos, familiares e comunidade em geral, mas não devem ser referência no ambiente escolar. A seguir apresento algumas falas da participante professora C – Anos Iniciais:

A escola é 100, a escola é referência para comunidade (...) infelizmente o que eu percebo é mais uma questão assistencialista (...) provedor de cesta básica, provedora de encaminhamentos para consultas medicas (...) eles têm apreço por essas ações, não tanto pela questão educativa (...) é aqui na escola que eles conseguem as coisas (...) veem a escola como a mãezona de todos, tem que dar, tem que fazer.

Seguindo os questionamentos relacionados as ações realizadas por parte da escola na e para comunidade, as participantes relataram que a escola costuma elaborar quermesses, campeonatos, brechós e ações com intuito de arrecadar alimentos, brinquedos, roupas e demais objetos necessários para distribuição na comunidade. A participante da gestão escolar diz que: “*Ações desenvolvidas pela escola para trazer a comunidade para o ambiente escolar (...) a gente entende que a relação com essa comunidade é muito importante pra gente, para que a gente possa tocar o nosso serviço*”. Relatos que não só reforçam a **visão assistencialista por parte da comunidade** em relação a escola como também informam que a escola agrega para si essa função frente a comunidade, para assim criar o vínculo escola/comunidade e trazer a comunidade para o ambiente escolar dos inúmeros educandos que ali estão matriculados e frequentam o ambiente escolar.

Seguindo, também abordamos em nossas conversas questões acerca de como ficou a relação com comunidade, visto que estamos em uma pandemia e por um longo período de tempo os educandos e os profissionais da área da educação precisaram afastar-se e mesmo assim manter o contato e seguir a comunicação, porém dessa vez de forma online. Nessas conversas foi relatado e ficou evidente a preocupação nas falas e gestos das participantes acerca da dificuldade com relação ao uso e ao acesso de muitos educandos e famílias da comunidade no que diz respeito às tecnologias e internet. Mas em sua maioria as profissionais informaram que a relação entre comunidade e escola se manteve forte mesmo após o início da pandemia e

impossibilidade do contato pessoal dos profissionais da escola e familiares da comunidade. A participante intitulada professora A – EJA, relata que:

“à escola ainda é o referencial dessas famílias tanto que na pandemia, nós notamos que eles sempre mantiveram contato a gente teve um canal de comunicação bem forte” (...) “nós temos uma comunicação bastante ativa com todas as pessoas, atualmente pelo WhatsApp, pelo facebook a gente se comunica bastante com elas”. (professora A – EJA)

Evidenciando que inúmeras foram as preocupações e limitações, mas que a escola enquanto instituição de ensino buscou manter o seu vínculo com a comunidade e seguir com a sua proposta educacional.

Portanto, percebe-se que inúmeras são as ações realizadas pela escola em prol da comunidade, ações que vão além do âmbito educacional, o que ao meu ver sobrecarrega a instituição, que com essa responsabilidade que deve ser dos demais órgãos públicos, possivelmente deixa de realizar ações em prol do que é desenvolvido dentro do ambiente educacional e voltado para educação dos educandos matriculados na instituição de ensino e acaba assumindo um papel que é necessário para os moradores, mas que deve ser exercido pelos órgãos responsáveis a cada segmento de apoio e assistência dentro do município.

Aqui relato também acerca de uma observação realizada ao decorrer da inserção ecológica, onde observei inúmeras procuras por parte dos alunos no ambiente escolar, por materiais de uso pessoal para as aulas, deixando evidente que a escola recebe e tinha os materiais solicitados (tais como: cadernos, lápis e canetas), mas que nas falas observavase que a escola era a responsável direta quanto ao fornecimento desses materiais, deixando a responsabilidade e as críticas voltadas para a escola e seus profissionais e não compreendendo que esses como demais outros recursos são advindos da prefeitura municipal e a responsabilidade em relação ao fornecimento desses materiais, até a chegada deles no ambiente escolar, são dos órgãos públicos responsáveis e não dos profissionais da instituição. Relatos relacionados ao fornecimento de cestas básicas também foram registrados no diário de campo, “no momento da entrada dos alunos (as) uma moradora da comunidade solicitou acesso para conversar com algum responsável da gestão para informações sobre a data da possível entrega das cestas básicas no bairro” (Registro do diário de campo).

Frente a esses relatos como também aos relatos das profissionais entrevistadas, fica evidente a urgência do resgate da escola enquanto intuição de educação e ensino referente ao lugar em que está inserida e urgência em relação aos suprimentos das questões assistencialistas serem fornecidas pelos órgãos responsáveis e em locais dentro da comunidade específicos para cada segmento, não oportunizando a interpretação por parte dos moradores de que as questões assistencialistas não são responsabilidades da escola e dos profissionais. Como também é importante que a escola e seus profissionais realizem ações e ao longo do tempo também construam a prática de abordar esses temas no ambiente escolar, referentes as informações relacionadas aos órgãos públicos e as inúmeras funções e assistências que são advindas do município, para que os educandos compreendam e assim reflitam esses saberes em comunidade, perante os responsáveis para cada segmento significativo e necessário para o desenvolvimento comunitário.

## 4.2 Os projetos desenvolvidos pela escola

A seguir apresento os relatos das profissionais participantes acerca das propostas abordadas através de projetos propostos na escola e desenvolvidos com os educandos, projetos que envolvem suas famílias e a comunidade.

As participantes informaram que “no momento” não estão realizando projetos que tratem de questões relacionadas a pesca artesanal presente na comunidade. Houve relatos de realização de alguns projetos desenvolvidos a partir do interesse apresentado por um ou mais alunos de determinadas turmas, mas os relatos são de propostas que ocorreram há anos atrás. “Atualmente nós não temos nenhum projeto que envolva essa realidade pesqueira”. (Professora A - EJA)

Em sua maioria as participantes relataram que buscam levar em conta os interesses dos educandos ao elaborar os seus projetos educacionais. “Trabalhamos conforme vão chegando as curiosidades dos alunos”. (Professora A - EJA). Foi informado por mais de uma participante que como os alunos não questionam e não trazem à tona a realidade da comunidade, onde residem e estudam, a escola não aborda esse tema com frequência. A participante B - EJA relatou que quando percebeu que iria trabalhar com a turma da etapa 1 da EJA, pensou em abordar temas relacionados a apropriação cultural dos alunos, expondo que sua proposta foi pensada para alfabetizar os alunos de maneira prazerosa. Além disso, seria uma forma de se aproximar de um dos seus alunos era aposentado e que tinha experiências com lavoura, do trabalho no campo. Essa realidade estimulou o interesse dos educandos da turma e que envolveu os mesmos despertando seus interesses e estimulando a aprendizagem significativa para turma e contribuía.

No momento da entrevista realizada com a participante B – EJA, pode-se evidenciar na sua interpretação, nos gestos e na interpretação da sua fala, o entusiasmo e prazer em relatar sobre o quanto foi significativo os saberes construídos pela turma (professora/alunos (as)), saberes construídos ao longo de um projeto que foi significativo e partiu da realidade exposta por um dos alunos da turma. (Trecho do diário de campo).

Desta forma, problematizamos aqui acerca da importância dos projetos e do quanto eles podem ser significativos no processo de ensino aprendizagem dos educandos, como também dos educadores. Tendo os projetos como parte do ensino,

os educadores têm inúmeras oportunidades para o resgate dos saberes já adquiridos e a construção de novos saberes significativos. Porém, é preciso compreender que a escuta é fundamental no ambiente educacional, mas a urgência de abordar questões referente a realidade vivenciada pelos educandos e questões importantes para os desenvolvimentos dos indivíduos enquanto sociedade, também é de suma importância. Nesse caso, vale pensar que mesmo que um assunto não tenha sido abordado na fala dos educandos, não quer dizer que esse tema não seja importante para de ser abordado no ambiente escolar. Cabe a nós (aqui me incluo enquanto pesquisadora e educadora) estarmos atentos (as) as questões que envolvem os educandos, questões que nem sempre são expostas ou até mesmo do seu conhecimento, mais que são fundamentais para aprendizagem e importantes para vida.

Aqui destaco a importância de que de uma educação escolar voltada para aprendizagem significativa. De acordo com Charlot (2003):

A escola deve transmitir as crianças os saberes que são investidos na vida social cotidiana. Por isso, devemos entender não apenas os saberes ditos fundamentais (leitura, escrita, matemática, instrumentos de expressão), mas também os saberes tecnológicos, econômicos e jurídicos [...]. (CHARLOT, 2012, p.387)

Educação voltada para uma ação educativa em prol da igualdade e da promoção das diversas formas de ser e estar no mundo, vivendo em sociedade. Sociedade essa que conforme evidenciamos diariamente está em constante evolução e a cada momento nos apresenta novos saberes e nos oportuniza construir e modificar saberes já construídos.

Aqui é importante salientar acerca do papel da Educação Ambiental que ao meu entendimento é de dar subsidio para que sujeitos tenham potencial de transformar, criticar e buscar construir novas formas de ser e estar no e com o ambiente. Como dito por Loureiro:

A Educação Ambiental promove a conscientização e está se dá entre o “eu” e o “outro”, pela prática social e reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes

saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida. (LOUREIRO, 2004, p. 29)

Assim, a escola enquanto instituição de ensino deve promover uma ação educativa voltada para os saberes já adquiridos dos educandos, com intuito de instigá-los e a partir disso ampliar seus saberes construindo mutuamente com os mesmos os saberes que serão significativos para o seu desenvolvimento e para o decorrer de suas vidas. Aqui retorno ao autor Loureiro que nos diz:

toda ação educativa deve ser direcionada para a construção da igualdade e promoção das diversidades para que possamos satisfazer nossas necessidades sem opressão, discriminação e reprodução da dominação e dos mecanismos de expropriação. É nesse sentido que o conhecimento, ao ser crítico, nos desafia a pensar o ato de conhecer como uma atitude intencional, politicamente posicionada e prática, voltada para a transformação social. (LOUREIRO, 2015, p. 167)

Oportunizando, uma educação crítica que possibilita a reflexão das ações, na busca por uma transformação social, onde os indivíduos compreendem e lutam por seus direitos posicionando-se e contribuindo para uma sociedade mais justa e consciente. Para isso, é necessário sentir-se pertencente, também traz a compreensão de que nós fazemos parte desse meio e que nossas ações diretas e indiretas influenciam no e para desenvolvimento da sociedade, assim também da comunidade, resgatando aqui o que foi abordado ao longo da pesquisa. Compreendo a responsabilidade dos indivíduos perante as relações e os saberes que construímos, como também o impacto que essas relações e saberes tem no processo de desenvolvimento social e comunitário. Fica evidente a importância da relação da escola e das famílias que dependem da pesca artesanal presentes na comunidade, visto que possuem uma relação cultural direta por se encontram localizadas no mesmo lugar em relação ao um bairro da zona urbana de um município.

## **5 EDUCAÇÃO ESCOLAR E CULTURA PESQUEIRA: APROXIMAÇÕES PARA O PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO**

Acredito ser importante iniciar esta sessão de escrita versando sobre o conceito de cultura abordado por Santos (1986), ao afirmar que: “Cultura é uma palavra de origem latina e em seu significado original está ligado às atividades agrícolas. Vem do verbo latino colere, que quer dizer cultivar” (IBID, p.27). O autor ressalta que “ela faz parte tanto da história do desenvolvimento científico quanto da história das relações internas de poder” (IBID, p.31).

Partindo dessa ideia, é importante ressaltar que os estudos sobre cultura ganharam mais destaque a partir do século XIX, quando passou a ser pensada por meio de uma visão laica e não religiosa do mundo social e da vida humana. Até então o cristianismo tinha grande influência perante a sociedade e costumava impor práticas e comportamentos, determinando uma visão de mundo cristã.

Santos também nos diz que há várias maneiras de se entender a cultura, trazendo duas concepções básicas. A primeira trata-se de uma totalidade de características de uma realidade social. E a segunda diz respeito ao conhecimento que uma sociedade, povo, nação ou grupo social tem da realidade e a maneira como se expressam (SANTOS, 1986, p.37).

Percebo que os estudos sobre cultura geralmente são voltados para a compreensão de que as concepções e as práticas dos indivíduos repercutem na sociedade e em sua vida, direcionando que a cultura está diretamente relacionada às ações que movem os indivíduos e a sociedade. O que nos permite teorizar isso é uma citação de Santos que nos diz:

O estudo da cultura procura entender o sentido que fazem essas concepções e práticas para a sociedade que as vive, buscando seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem a sociedade. (SANTOS, 1986, p.41)

Ao falar de cultura é importante destacar também que não existe somente uma cultura universal e que a sociedade é permeada por diferentes culturas. Os seres humanos estão em constantes transformações e com eles observamos aspectos

culturais advindos de sua realidade e que se modificam conforme os mesmos vão adquirindo novos saberes e interagindo com as demais pessoas e com os ambientes.

O fato de que as tradições de uma cultura passam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultura pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental. (SANTOS, 1986, p.47)

Portanto, buscar entender cultura é buscar entender os caminhos que levam ao desenvolvimento dos seres humanos, pensando nas pessoas e nas relações delas com o presente e suas perspectivas de futuro. Visto que quando discute sobre cultura o autor Santos tem em mente a humanidade em toda a sua riqueza e a multiplicidade de formas de existência (1986, p.07).

Assim, é fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural possui para aqueles que nela vivem e os meios que os indivíduos têm para construir da sua própria cultura, que não deixa de considerar seus costumes, tradições, vivências e interação com demais grupos sociais. É possível teorizar esse posicionamento com a citação de Santos quando ele nos diz que, “cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também as relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes” (SANTOS, 1986, p.08).

Essa compreensão dos sentidos de uma realidade cultural é possível por meio de uma educação sensível e estética, que reconhece a necessidade de não apenas conhecer o movimento dos sujeitos dentro de sua realidade, mas busca experiências, diálogos e reflexões que nos levam a atribuir sentidos e significados a um dado movimento histórico e social. Nesse sentido Dolci; Molon (2018, p. 801), afirmam que defendem a Educação

Estético-Ambiental “porque ela prioriza o movimento de significação e objetivação dos sujeitos na história, ou seja, considera essencial o movimento sócio-histórico dos sujeitos e as vivências concretas dos mesmos.”. E esse movimento é importante para a realização da pesquisa, na busca de compreensões sobre a cultura dos povos.

Então me desafio a pensar em como compreender esses lugares, essa consciência de mundo e de lugar. Levando em conta o desejo de compreender melhor a realidade socioambiental das comunidades pesqueiras, penso no exercício diário

dos pescadores artesanais, nas relações e inter-relações desses sujeitos e seus familiares no ambiente escolar, na comunidade a qual residem.

Assim me remeto às definições dos Povos e Comunidades Tradicionais e à luta para que seus direitos sejam garantidos. Aqui referindo-me aos povos e comunidades tradicionais, direciono minhas falas, aos pescadores artesanais. Pensando nas comunidades pesqueiras, na sua realidade socioambiental e nas lutas por direitos, por terras, pela compreensão de sua cultura, por melhores condições de vida e pela sobrevivência econômica.

Trago ao decorrer da minha escrita, informações obtidas na cartilha “Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais” elaborada no ano de 2012, que me auxiliaram a compreender que os povos e comunidades tradicionais são grupos diferenciados culturalmente. Grupos esses, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias. São comunidades e povos que mantêm conexão direta com as relações específicas do território e meio ambiente que habitam, na busca constante pelo respeito referente aos princípios de sustentabilidade e sobrevivência da sua e das próximas gerações. Pensando sob os aspectos físicos, culturais e econômicos de sua comunidade. Sendo assim, de acordo com o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Podemos defini-los como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto 6.040, art. 3º, § 1º).

Esse artigo do decreto nos leva a compreender que entre os povos e comunidades tradicionais encontram-se aspectos específicos de modos próprios de ser e de viver, definindo assim a sua organização, as suas práticas econômicas, os conhecimentos necessários para a manutenção da vida no local e suas tradições específicas.

A produção econômica desses povos e comunidades tradicionais são normalmente voltadas para a criação de animais, para o plantio, para a pesca, para a caça, para subsistência, para o artesanato e para o extrativismo. A definição dessa

produção leva em consideração a sua cultura, as necessidades físicas e econômicas e as relações com os familiares e com a comunidade.

Cabe ressaltar também que a produção desses povos e comunidades é marcada por ritmo e lógica próprios. Muitas vezes queremos imprimir outros ritmos e lógicas aos processos produtivos de tais comunidades, sem considerar que elas são estruturadas com base nos princípios de autonomia e liberdade, o que não combina com a completa subordinação ao mercado ou a qualquer outro padrão. (Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2012, p.14)

Faço referência aqui a grupos sociais que possuem conhecimentos herdados ancestralmente, conhecimentos que passam de geração para geração e estão diretamente ligados ao meio de produção e sobrevivência dos povos e das comunidades.

Os povos e comunidades tradicionais apresentam maneiras específicas de lidar com a produção e o consumo. Maneiras essas que em sua maioria fogem do sistema capitalista de produção e de consumo desenfreado. E assim surgem os conflitos, que envolvem esses povos e comunidades que possuem maneiras específicas de se relacionar com a natureza e o mundo, que buscam preservá-lo, pensando na geração atual e futura e fugindo das ideias de consumo em massa e do pensamento individual que permeia a sociedade em geral. Por possuírem uma identidade própria e valores tradicionais, a luta pelos seus direitos se faz necessária para que os processos que ocorrem dentro de diferentes povos e comunidades continuem seu processo.

[...] já que a construção e o reconhecimento formal de suas identidades e territórios está em processo. Normalmente esses povos e comunidades possuem práticas tradicionais, vínculos territoriais e de parentesco, marcas de identidade próprias, lutas políticas pela recuperação de territórios ou pela manutenção de seus modos de vida, luta pela ampliação e efetivação dos seus direitos. (Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2012, p.15)

É interessante refletir aqui o quanto os povos e comunidades tradicionais têm para nos ensinar em relação a modos de vida sustentável e as maneiras de nos

relacionarmos com o mundo, são sujeitos que cultuam práticas sensíveis e pensamentos coletivos que agregam valores estéticos a sua cultura. Esses valores presentes nessas comunidades fazem parte do nosso propósito maior na Educação Ambiental, dessa forma colocarmos em diálogo com o contexto escolar é importante uma vez que “a Educação EstéticoAmbiental se faz presente quando sentimos que estamos interligados aos sujeitos e as coisas, quando compreendemos que pertencemos ao lugar em que vivemos e buscamos ter atitudes ambientais” (DOLCI; MOLON, 2018, p. 801).

Ressalto que esses grupos são formadores da sociedade brasileira e agem direta e indiretamente para o desenvolvimento do nosso planeta. Entre esses povos e comunidades encontramos, “os povos indígenas, as comunidades quilombolas, os extrativistas, os pescadores artesanais, os geraizeiros, os veredeiros, os vazanteiros, os apanhadores de flores sempre-vivas, os faiscaidores”. (Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2012, p.15)

Aqui nesta pesquisa, foquei na comunidade de pescadores artesanais, tendo em vista o lugar e os participantes da minha pesquisa (profissionais da educação), por isso a necessidade de problematizar e refletir sobre questões pertinentes acerca dos conflitos que envolvem as comunidades pesqueiras. Acredito ser importante pensar e abordar no ambiente escolar, assuntos que envolvem a realidade dessas comunidades e demonstrar assim real respeito e conhecimento, como também permitir que os educandos compreendam questões que permeiam o ambiente onde estão inseridos.

Trago brevemente um dos assuntos que envolvem as comunidades pesqueiras em específico e que é relevante para o desenvolvimento dessas comunidades e das pessoas que nela residem. Primeiramente abordo sobre o período do “defeso”<sup>8</sup> na pesca artesanal, a fim do desenvolvimento das espécies encontradas nas proximidades da comunidade e locais onde os pescadores artesanais pescam. Essa parada da pesca é fundamental para o desenvolvimento das espécies.

---

<sup>8</sup> O período do defeso na pesca artesanal ocorre em determinados períodos do ano respeitando o local e reprodução das espécies, sendo que nesse período os pescadores não podem realizar a captura do pescado e recebem auxílio do governo, conforme determinação do Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca (Conepe), através do Código de Pesca.

Visando que é pertinente pensar sobre como se dá o sustento das famílias da comunidade pesqueira nos períodos em que os pescadores são proibidos de pescar. Visando que os pescadores do Rio Grande do Sul seguem as datas determinadas pelo período defeso e o provimento financeiro da pesca é parte ou total renda do orçamento das famílias.

O fato é que os pescadores devem respeitar o defeso, que é a paralisação temporária da pesca para a preservação das espécies. E durante esse período eles têm o direito de receber o valor de um salário mínimo como auxílio chamado de seguro defeso, mas cabe problematizar se esse valor possibilitará que os pescadores deem continuidade ao que diz respeito ao sustento de seus familiares, sem precisar procurar outros meios de se sustentar durante esse período.

Assim evidencia-se à importância do conhecimento sobre as leis e sobre os direitos desses povos. Destaco que a Convenção 169 da OIT<sup>9</sup>, diz que os membros dos povos e comunidades tradicionais podem ter acesso a uma série de direitos específicos ao mesmo tempo que também possuem acesso a todos os direitos disponíveis para qualquer cidadão brasileiro. Segundo a Convenção 169 da OIT, os governos são responsáveis pela proteção desses povos que possuem culturas e modos de vida diferenciados, que são de grande valia para o desenvolvimento da vida humana e da preservação da natureza e dos aspectos naturais do nosso planeta. Essa proteção implica em “proteger seus territórios, suas organizações, suas culturas, suas economias, seus bens (materiais e imateriais) e o meio ambiente em que vivem”. (Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2012, p.20) Destaco também o objetivo geral dos princípios da PNPCT<sup>10</sup>, apresentado no art, 2º onde afirma-se que:

A PNPCT tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. **(DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007).**

---

<sup>9</sup> Convenção 169 da Organização internacional do trabalho.

<sup>10</sup> Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Pensando em como os povos e comunidades podem exercer seus direitos, é pertinente problematizar que mesmo que os direitos estejam no papel e postos para o exercício da lei, muitas vezes ou ainda acrescentando, na maioria das vezes, esses direitos não são respeitados e os povos e comunidades vivem uma constante luta em prol de que seus direitos sejam respeitados e que possam colocar em prática as ações realizadas de forma legal perante a lei.

Sendo assim, essa é uma luta constante dos povos e comunidades que contam com o apoio da sociedade, de ONGs <sup>11</sup> e de organizações representativas de determinado território e ou comunidade.

Entre as organizações e movimentos, há as entidades e advogados que prestam assessoria jurídica às populações tradicionais, contribuindo para o aperfeiçoamento e avanço no sentido da consolidação de direitos. (Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2012, p.38)

O apoio dessas organizações e o apoio da sociedade mantém a luta para que as leis sejam cumpridas e os direitos sejam garantidos. Esse apoio é fundamental para que a cultura e os povos se mantenham e tenham suas culturas e tradições preservadas com o mínimo de dignidade e condições de sobrevivência.

---

<sup>11</sup> Organizações não governamentais.

## **5.1 Uma escola à beira da Laguna dos Patos: Entre a invisibilidade da pesca artesanal e a visibilidade do shopping no bairro**

Aqui serão apresentados os relatos das profissionais da escola participantes da pesquisa acerca de como a escola identifica e aborda a realidade pesqueira existente na comunidade a qual ela está inserida. Ao problematizar acerca do que foi abordado sobre a cultura comunitária e a partir dos dados foi possível evidenciar a cultura globalizante e capitalista que distancia de um ensino voltado para Educação Ambiental que identifica o meio ambiente como um todo, propondo reflexões e ações em esferas políticas, econômicas, ambientais e sociais.

A partir dos resultados levantados, a maioria as profissionais da escola participante relatam que grande parte das famílias estão com a sua área financeira mais voltadas para o comércio (lojas, farmácias e supermercados), principalmente relacionando com a invasão da cultura do consumo. Ao mesmo tempo, a profissionais da escola relatam não presenciarem muitas falas relacionadas a realidade pesqueira presente na comunidade.

De acordo com as entrevistadas, a comunidade vivencia uma forte influência a partir da construção de grandes centros voltados para o comércio nas proximidades, como exemplo do shopping center localizado muito próximo ao bairro. O comércio aqui citado não inclui a pesca como fonte de renda e desenvolvimento.

Por alguns motivos, o principal deles é que hoje em dia a maioria dos nossos pais que antigamente sobreviviam da pesca, hoje têm outras funções na comunidade advindas do comércio, a própria criação do Shopping o que fez com que houvesse uma migração para as questões que envolvem o comércio. (Gestão Escolar)

Assim na fala acima como em inúmeros outros relatos, pode-se perceber que as profissionais da escola não identificam que os educandos atualmente apresentam em suas falas e práticas dentro do ambiente escolar, aspectos que remetem a cultura pesqueira. E dessa forma também relataram que a comunidade vem passando por inúmeras mudanças ao longo dos anos, que foram evidenciadas pelas perspectivas das profissionais sobre as suas observações dos educandos e de suas famílias. Mudanças que levam em conta a criação de um centro comercial (shopping) próximo a comunidade e intervenções essas que são socialmente expostas. Essa situação

demonstra que devemos estar cientes das intervenções do capital que se manifestam subjungando as forças da natureza (MARX; ENGELS, 1998, p. 40).

As participantes das entrevistas informaram que antigamente os alunos traziam para o ambiente escolar mais falas e ações que remetiam a realidade pesqueira presente na comunidade a qual está inserida a escola e que hoje não observam mais relatos relacionados à pesca e às inúmeras funções advindas da pesca que são desenvolvidas na comunidade. Atualmente observando mais relatos relacionados ao lazer no shopping e bares da região, e ao exercício profissional dos educandos e seus familiares, mais voltados ao trabalho no comércio e a serviços domésticos. Onde a participante da gestão escolar nos diz que: *“então nos últimos anos, eu já estou na escola desde 2002 e percebo que toda a cultura que envolve a pesca tem se descaracterizado um pouco, pela própria fala dos estudantes e pela realidade das famílias”*. E a professora A – EJA evidencia em sua fala, quando relata que os adolescentes para quem leciona comentam sobre: *“é muito aquela coisa de juventude, adolescente, de gurizada, mas deles com a comunidade ou até com o próprio setor/fator da pesca. Eu não escuto nada, muito pouco (...) eles falam muito do loco é poco, sei lá se é bar, se é festa, mas eles trazem muito”*.

A professora A – EJA expõe que referente a como os alunos obtém a sua renda familiar o que ela observa é:

*assim pelo que muitos deles falam, até mesmo alguns dizem que trabalham. Mas sempre assim, na padaria tal, no bar do fulano, atendendo ali. Muitas mães empregadas domésticas. Ou até mesmo no shopping, mas não tem relação assim com a pesca.*  
(Professora A – EJA)

Percebe-se aqui, segundo as informações das participantes uma **descaracterização da cultura pesqueira**, onde as profissionais informam que nos discursos dos educandos, atualmente não ocorrem conversas relacionadas a pesca existente na comunidade, salientando por parte da professora A – EJA, que os principais assuntos abordados no ambiente escolar estão relacionados a um popular bar que se localiza dentro da comunidade ou aos centros comerciais próximos. Com isso, aqueles educandos que possuem relação direta com a pesca artesanal não informam desenvolverem essas atividades.

A participante apresentada aqui como professora A – EJA, ao longo de nossas conversas relatou que não percebe que os alunos têm vergonha de dizer que a mãe é

empregada doméstica ou trabalha no shopping, mas que relacionado a pesca teve uma aluna que não queria que falasse que ela trabalhava no descasque do camarão.

Eu não os noto terem vergonha de dizer que a mãe é empregada doméstica, que a mãe é faxineira, de dizer que a mãe trabalha no shopping. Mas da pesca assim como eu te disse essa menina não queria que falasse.  
(Professora A – EJA)

Relatando também que há alguns anos atrás uma outra aluna veio até ela (professora) e informou em voz baixa que chegava nas aulas atrasada, pois trabalhava descascando camarão. A professora relata que incentivou acerca do exercício profissional da educanda através de sua fala, porém a educanda reprovou a sua ação e pediu que a professora não falasse sobre o assunto.

*Uma vez, acho que, deixa eu ver aqui, acho que em 2017 ou 2018. Uma aluna disse assim, bem baixinho, chego atrasada porque descasco camarão, eu falei, mas que legal é um serviço, e ela disse, mas eu não acho. E me pediu para não falar.*  
(Professora A – EJA)

Sendo assim, a educadora relatou que em respeito a aluna não abordou mais sobre o assunto como solicitado. Evidenciando que são nesses momentos que os alunos (as) informam a urgência/necessidade de reconhecimento e valorização. Mesmo compreendendo a intenção da professora, em respeitar e manter um vínculo com essa aluna, ao mesmo tempo ela se omite perante a problemática apresentada e não oportuniza que essa e demais outros (as) alunos e alunas possam (re) conhecer acerca das inúmeras realidades presentes na comunidade e nesse caso dentro da própria turma.

Destacamos aqui a necessidade de a escola realizar o **resgate da cultura pesqueira através da educação ambiental**. Entendemos que é preciso compreender que o (re) conhecimento e problematização dentro do espaço escolar é necessário para o sentimento de pertencimento e valorização. É possível respeitar os desejos dos estudantes, mas ao mesmo tempo abordar a problemática ao longo das aulas e explorando a realidade apresentada na comunidade onde está inserida a escola.

Uma das participantes aqui conhecida como professora C – Anos Iniciais. Relata que, leciona na escola desde o ano de 2002 e que antigamente, a realidade apresentada pelos educandos era em sua maioria de filhos e netos de pescadores e uma comunidade com muitos pescadores. E assim, a relação com a pesca na família era evidenciada pelos profissionais da escola, principalmente na qualidade do material escolar e merenda dos alunos. *“Já foi, antes o que a gente tinha. Uma comunidade de pescadores muito grande, a gente via no material escolar na merenda”*. E segue relatando que, há anos atrás, observava que era uma comunidade com muitos familiares que tinham vínculo direto com a pesca. Relatando ser evidente na escola o período em que acontecia a safra do camarão.

*“Se a safra do camarão era boa as crianças traziam merenda, era assim, a olhos vistos”*.

Ao longo dos relatos pode-se perceber que a profissional trazia informações que remetiam ao período em que é permitida a pesca na lagoa onde está localizada a comunidade, onde os pescadores trabalham com mais intensidade e podem pescar cada espécie em um período específico, para que assim os animais possam se reproduzir e desenvolver no período defeso. Aqui torna-se importante salientar que, conforme o artigo 1º, § 2º da Lei 10.779 (BRASIL, 2003):

§ 2º O período de defeso de atividade pesqueira é o fixado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, em relação à espécie marinha, fluvial ou lacustre a cuja captura o pescador se dedique.

Tal relato evidencia que antigamente a pesca tinha um reflexo significativo no ambiente escolar, visto que, as ações relacionadas a pesca ocorrem com mais intensificação em determinados períodos de tempo ao longo do ano, por isso os educandos relatavam mais no ambiente escolar. Isso não quer dizer que os demais períodos do ano as famílias não provem seu sustento com os valores oriundos pesca, visando que os familiares que não exercem outras atividades remuneradas, no período defeso tem o direito de receber o seguro-desemprego para que possam prover o seu e o sustento de seus familiares. Conforme leitura do Art. 1º, § 4º da Lei 10.779 (BRASIL, 2003):

§ 4º Somente terá direito ao seguro-desemprego o segurado especial pescador artesanal que não disponha de outra fonte de renda diversa da decorrente da atividade pesqueira.

Questões aqui apresentadas que fazem parte da rotina dos educandos na instituição como foi mencionado pela participante C- Anos Iniciais, quando relatou que ocorriam com mais frequência antigamente, mas não descartou a hipótese de que se apresente até os dias atuais. Aqui problematizo que, ao meu ver, houve uma ruptura temporal em relação a essas observações da escola sobre a comunidade devido ao distanciamento advindo da pandemia.

Apenas uma professora destacou ainda perceber uma pequena influência e percepção da comunidade pesqueira na relação com o contexto escolar. Relacionado a essa discussão ainda temos o relato da professora A- EJA, que diz: *“Atualmente na escola nós temos alguns momentos em que os alunos manifestam mais isso que são os períodos de março e depois de dezembro, que os pais estão ali na lida com o siri, com camarão, com o próprio peixe né”*.

Essa afirmativa demonstra que os dias atuais ainda são observados os aspectos relacionados a comunidade pesqueira, mesmo que em menores manifestações. De forma geral as participantes relatam que vem acontecendo cada vez em menor frequência sendo quase imperceptível relacionado aos demais assuntos tratados pelos educandos.

Evidenciou-se que como com o decorrer do tempo os educandos vêm abordando assuntos relacionados a pesca com menor frequência, esses assuntos também deixaram de ser abordados dentro do ambiente escolar, o que se configura como um reforço para a descaracterização da cultura pesqueira dentro da comunidade. Como exposto por Pereira (2006, p. 48): *“Apesar da atividade da pesca ter suas origens no extrativismo e na subsistência, o modelo de produção capitalista vem ao longo da história intervindo e influenciando tais relações de trabalho”*. Sendo assim, cabe a nós educadores dialogar e problematizar no ambiente escolar, acerca do porquê dessa descaracterização, lembrando da importância da prática da pesca para o desenvolvimento da sociedade. Podemos observar tal manifestação ao ler as palavras de Pellejero e Costa (2020, p. 43):

A pesca é uma atividade humana que remonta da Antiguidade e é considerada atividade de extrativismo, pois nela se busca a obtenção de alimentos retirados do meio aquático, a\sslém disso é ainda uma atividade econômica de subsistência e de caráter

alimentar, dela decorrem vários desdobramentos que a complementam que vão desde a armazenagem, o preparo e o aproveitamento de seus produtos (por exemplo, em alguns locais as escamas são utilizadas para confecção de artesanato) até o transporte, bem como, a confecção de redes, artefatos de pesca e embarcações, o que também gera renda para a família e para a comunidade.

Não foi possível precisar com exatidão o número de pescadores e pescadoras artesanais na região, tão somente foi possível obter os dados já apontados por Walter et al (2018, p. 208) que informam que, no ano de 2012, nosso município tinha 2.398 pescadores e pescadoras artesanais em Rio Grande. Mesmo sem ter um número exato de famílias, é possível afirmar que na comunidade estudada existe um número significativo de famílias que vivem da subsistência da pesca artesanal pela proximidade da Laguna dos Patos e a existência de uma cooperativa de pesca artesanal no bairro. Estas famílias estão invisíveis na ótica da escola e dos seus profissionais. Os/as filhos/as dessas famílias de pescadores não são percebidos como parte de uma cultura tradicional pesqueira e pouco se relaciona essa experiência às práticas e currículos escolares.

Contudo, voltando ao que mais foi citado ao longo de nossas conversas que foi a influência do comércio e da criação do shopping que segundo a participante professora A

- EJA *“alterou a identidade da comunidade”*. Informando que atualmente observa o comércio como atividade concorrente a pesca, relatando que:

Por alguns motivos, o principal deles é que hoje em dia a maioria dos nossos pais que antigamente sobreviviam da pesca, hoje têm outras funções na comunidade advindas do comércio, a própria criação do Shopping o que fez com que houvesse uma migração para as questões que envolvem o comércio. (Professora A – EJA)

Sendo assim, inúmeros foram os relatos relacionados as falas dos educandos e seus familiares serem em sua maioria voltadas para o comércio (lojas, farmácias e supermercados) e centros de lazer. Pouco evidenciando nas falas e ações dos educandos e seus familiares, por parte dos educadores, o envolvimento da comunidade com a pesca artesanal que ocorre na comunidade a qual está inserida a escola.

As entrevistadas evidenciaram que as questões que envolvem a pesca não são de conhecimento dos profissionais que lecionam em uma escola que tem relação direta com a pesca artesanal, assim como também não são problematizadas e (re)conhecidas no ambiente escolar por não ser “frequentemente” abordado na fala dos educandos.

Referente a realidade apresentada, pode-se observar e afirmar acerca de uma das questões pelas quais a pesca artesanal vem se descaracterizando ao longo dos anos. Pois, a escola enquanto instituição educacional tem um papel importante e fundamental na formação dos indivíduos que vivem em sociedade, aqui indivíduos reconhecidos como alunos (as). E possui o importante papel de resgatar a cultura local, em especial devido as problemáticas levantadas acerca da cultura tradicional da pesca artesanal. Questões que devem ser abordadas e problematizadas para o (re) conhecimento e valorização dessa cultura, oportunizando a construção do sentimento de pertencimento e reconhecimento da identidade comunitária.

Deste modo, apresento a citação do autor Pereira (2006, p. 53) onde aborda que enquanto educadores:

Respeitosamente temos o dever, como educadores, de propor novas possibilidades, quando essa constitui motivo de alienação e mantenedora do status quo, construindo coletivamente conhecimentos, ampliando a compreensão da realidade complexa e chegando a alternativas aceitas como válidas para o grupo ou classe social.

Para que alcancemos uma Educação Ambiental Crítica, “transformadora e emancipatória, que tem como finalidade contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e sustentável e como propósito imediato a intervenção qualificada” (QUINTAS, 2009, p. 68). Que corrobora com Loureiro (2004, pg. 3), quando diz que ela é um processo educativo permanente que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

Cito brevemente a tese escrita pelo autor (MIRANDA, 2019) que me encantou, pois como diz o autor ele não pensa para os (as) pescadores (as) e sim com os (as) pescadores (as) e traz ao longo da sua escrita as lutas enfrentadas por essa

categoria, luta por direitos, por respeito e por valorização. Ao citar a Pedagogia da Pesca, como uma proposta de formação continuada, o autor relata acerca da reivindicação e do anseio por reinventar os espaços educacionais, oportunizando que a escola se envolva no contexto da pesca, o compreenda e aborde questões que são pertinentes para as comunidades de pescadores artesanais, valorizando a cultura, as experiências e os saberes desse povo. Salaria que a escola possui um importante papel para a formação dos indivíduos, preparando-os não só para o mercado de trabalho mais sim para o mundo, pensando nas possibilidades de vir a ser de cada um dos sujeitos inseridos no ambiente escolar e valorizando assim a troca de saberes e os saberes adquiridos, através das relações entre os pescadores e dos pescadores com o contexto.

Educação que, propicia o conhecimento e a valorização das práticas realizadas dentro da comunidade. E os profissionais da educação tem um papel muito importante frente a uma educação emancipatória, como dito por Loureiro (2004, pg. 5), “educar é agir conscientemente em processos sociais que se constituem conflituosamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual”. Atores que compreendem a natureza desigual da sociedade capitalista e que busca a transformação dessa cruel desigualdade social que vivenciamos nos dias atuais.

**A problematização sobre a cultura globalizante e capitalista através da educação ambiental**, os relatos das profissionais entrevistadas evidenciam a forte influência que a comunidade vem sofrendo ao longo dos anos no que diz respeito do desenvolvimento da zona urbana a qual pertence a comunidade onde foi realizada a pesquisa. Influência que segundo as educadoras vem modificando os interesses, ações e práticas dos moradores da comunidade e assim sendo trazidas para o ambiente escolar através dos seus educandos e familiares.

A participante conhecida como professora C – Anos Iniciais. Relata observar que o shopping não tem grande relevância nas mudanças que ocorreram ao longo dos anos na comunidade, mas que acredita que as mudanças aconteceram devido ao progresso, desenvolvimento da cidade como um todo “*Eu não levo o shopping como referência, eu levo o progresso em geral*”. Seguindo a conversa a mesma participante diz que as observa que as pessoas da comunidade procuram estudar mais e conhecer mais sobre os seus direitos perante a sociedade.

Antes a comunidade, eu tenho 23 anos de escola e quando eu cheguei era uma comunidade mais ignorante, acho que essa seria a palavra certa ... Hoje não, as pessoas estão muito mais informadas sabendo sobre os seus direitos. (Professora C – Anos Iniciais)

Observando os relatos das entrevistadas é possível evidenciar que cada vez mais os membros da comunidade compreendem e buscam compreender acerca dos seus direitos, adquirindo saberes e conhecimentos que são necessários para o seu desenvolvimento. E como contra ponto a isso, ouvimos relatos relacionados a vergonha em expor acerca do exercício das atividades relacionados a pesca artesanal. Aqui questiono-me acerca do por que, e ainda retomo a colocação da professora A – EJA, onde a mesma informou que em respeito a aluna não comentou sobre a assunto relacionado ao trabalho da educanda no descasque do camarão. Reafirmo que a professora se omitiu perante essa problemática não problematizando, já que inúmeras são as aprendizagens e discussões que poderiam emergir dessa situação. Discussões e aprendizagens que iriam somar positivamente frente ao (re)conhecimento, apropriação e valorização das inúmeras práticas que envolvem a pesca artesanal, presente na comunidade e que como evidenciado na fala da educanda faz parte do exercício diário dessa e quem sabe de mais educandos que devido a inúmeras questões não relataram sobre, pois não compreendem e não sentem que essa e inúmeras outras práticas diretamente ligadas a pesca são valorizadas no ambiente escolar. “[...] O educador é aquele que faz vir ao mundo um saber que já estava “lá” e que pedia para nascer” (GADOTTI,1991, p.67).

E ainda relembro as palavras de Paulo Freire, que nos incita a crer em uma educação do diálogo permanente, com o outro e com o mundo (Freire, 1987, p.90). Diálogo que perante os relatos torna-se de extrema relevância frente as questões que envolvem as problemáticas abordadas no ambiente escolar.

Portanto observamos acerca da urgência do resgate e da valorização da cultura e do sentido de pertencimento referente a pesca artesanal no ambiente escolar. Visto que, é de suma importância abordar acerca do progresso, do desenvolvimento da cidade e assim também da comunidade ao longo dos anos. Realizar ações exploratórias, (re) conhecer os locais da comunidade realizando passeios, resgatando imagens, ouvindo histórias das pessoas que residem a mais tempo na comunidade,

ouvindo os líderes comunitários, dando voz e vez as pessoas que passaram e/ou passam e vivenciam o progresso. Compreendendo que as mudanças fazem parte da história comunitária e tem influência direta no modo de ser e estar dos indivíduos em sociedade.

Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo.  
(FREIRE, 1996, p.42)

Ações que em inúmeras situações podem partir do educador, fazendo com que assim, nos pequenos atos os educandos identifiquem e valorizem a realidade presente em sua comunidade, compreendendo acerca da importância da mesma, do processo histórico e do seu desenvolvimento, como também sentindo-se valorizado e pertencente a cultura da pesca.

## 5.2 A necessária construção das relações de pertencimento comunitário

Para refletir sobre a construção das relações de pertencimento comunitário, trago a autora Lais Mourão de Sá (2005) que versa sobre pertencimento e destaca que a educação é o meio que torna possível o sentimento de pertença. Ela aborda questões metodológicas voltadas para o individual e o coletivo, pensando em como inserir o princípio do pertencimento na prática do educador ambiental. Assim ela propõe o desenvolvimento de atitudes e de valores em prol de uma sociedade mais igualitária. No decorrer do texto a autora problematiza que o papel da escola não é apenas fornecer informações e transferir conhecimentos, a ela cabe promover e propor atividades que desafiem os educandos, oportunizando assim uma real aprendizagem, uma aprendizagem significativa e que permita aos educandos sentir-se pertencentes e parte dessa construção.

Da mesma forma, considero importante trazer a compreensão do sentido de pertencimento para Cousin (2010):

O Pertencimento pode ser compreendido como uma crença ou ideia que une as pessoas, e é expresso por símbolos e valores sociais, morais, estéticos, políticos, culturais, religiosos e ambientais dentre outros de um lugar. Ele possibilita compreender como os processos das relações sociais estão presentes em cada vivência, e como o local e o global se traduzem em experiências pessoais e coletivas. (COUSIN, 2010, p. 94-95).

O sentimento de pertencimento está diretamente relacionado com a nossa identidade, pelo conjunto de significados e sensações experienciadas por nós. Somos atores sociais historicamente construídos. E é importante destacar que o ser humano ao sentir-se pertencente a um determinado lugar, constrói sentidos e significados, tomando consciência de si e do local e da responsabilidade que possui perante esses lugares. Desta forma, cabe aqui pensar em uma educação que possibilite para a sociedade o conhecimento de si, do outro e do mundo. Problematizando assim, as questões que vão sendo apresentadas ao decorrer de toda uma vida.

Ao refletir sobre as crianças e a comunidade escolar, destaco aqui a importância dos sujeitos se sentirem pertencentes ao ambiente escolar, pensando

também na importância de a escola compreender as singularidades dos sujeitos, do lugar que ela pertence e da realidade da comunidade onde está localizada a escola. Para assim, proporcionar uma aprendizagem mais significativa para os educandos e um sentido de respeito e valorização dos saberes e fazeres das famílias da comunidade. Pensando no lugar como construção social é pertinente compreender que, se nós “seres humanos” interagimos no e com os lugares, são esses lugares que nos permitem inúmeras experiências e aprendizagens. A autora Lívia de Oliveira (2014, p. 03) nos diz que, “O sentido de lugar implica o sentido de vida e, por sua vez, o sentido de tempo”.

Partindo dessa citação, comecei a pensar sobre o lugar e a realidade socioambiental das comunidades pesqueiras na cidade do Rio Grande, a partir da realidade da nossa cidade e focando aqui, nas escolas que pertencem a comunidades pesqueiras. Percebo a relevância das escolas considerarem a riqueza da tradição, da cultura pesqueira e dos costumes das pessoas ali inseridas como parte do cotidiano das relações e especificidades da educação dos educandos.

Tendo em vista que os lugares são compostos por variedades internas ou externas, penso na importância de pesquisar como a educação se dá nas escolas, quais são as metodologias e abordagens dos educadores, como essas escolas oportunizam um espaço de diálogo e de compreensão às questões que envolvem determinada comunidade. Por outro lado, compreender como a comunidade pesqueira sente-se pertencente ao espaço escolar. Entendo que a realidade pode apontar que a comunidade pode ou não ter esse sentimento de pertencimento e que essas relações devem ser construídas mutuamente.

Para Ferreira (2000), o lugar seria a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante- lugar-identidade. O autor também busca em Marx uma explicação sobre o lugar e a sua importância para sistema capitalista:

[...] para Marx o lugar se define dentro da Geografia histórica da acumulação de capital como um dos constituintes do mundo espaço-temporal de intrincadas relações sociais e valorações universais [...] a construção do lugar estaria ligada (direta ou indiretamente) com o capital e representaria um ‘momento de consolidação de um regime de relações sociais, instituições e práticas políticoeconômicas de inspiração capitalista [...] buscase compreender, deste modo, o local como uma expressão do global (FERREIRA, 2000, p. 71).

Acredito que para compreender o local como uma expressão do global, precisamos problematizar a questão de os lugares estarem cada vez mais perdendo suas características, as quais levam em conta o global, a globalização e o capital que movimenta esse processo.

O autor Escobar (2005, p. 57) ao pensar nas concepções de localidade, de lugar e de uma consciência baseada no lugar diz que, “O lugar –como a cultura local– pode ser considerado “o outro” da globalização, de maneira que uma discussão do lugar deveria oferecer uma perspectiva importante para repensar a globalização e a questão das alternativas ao capitalismo e à modernidade”. Porém, com a perda das características dos lugares e com o interesse incessante pelo capital, que movimenta nossa sociedade capitalista. Observa-se que, cada vez há mais desrespeito acerca das construções locais, das realidades, dos anseios e das necessidades de comunidades aqui tratadas como tradicionais, voltadas para as comunidades pesqueiras.

Essa perda deve ser compreendida como uma perda de sentidos humanos, ou como nos diz Leff (2001, p. 122) “a perda de sentidos existenciais”, que são consequências da inserção da cultura radical do capitalismo e “geram uma reação cega que tende a desvalorizar a própria vida.” (IBID). Essa aniquilação deve ser considerada pela escola e passar a ser uma luta pela recuperação dos sentidos essenciais humanos. Desta forma, é interessante pensar que a Educação Estético-Ambiental é uma grande aliada dessa luta, isso porque segundo Dolci (2014, p. 174) em sua tese ao refletir sobre sua pesquisa com professores, “o Estético-Ambiental é uma necessidade do ser humano”, ela explica que por meio dele “a individualidade humana se desenvolve, e os professores acreditam que conviver socialmente é, ao mesmo tempo, participar coletiva e politicamente para alcançar uma sociedade mais justa.” (IBID.), podendo compreender e desenvolver os sentimentos de pertencimento mutuamente entre escola e comunidade.

Em uma perspectiva fenomenológica, o lugar tende a ser visto não apenas como espaço vivido, mas também como uma construção social. Para o autor Santos (1994), os lugares estão em permanente mudança, decorrente da lógica da sociedade e das inovações técnicas que constantemente estão transformando o espaço

geográfico. De acordo com Santos, a definição de lugar está relacionada com a definição de espaço, ele afirma que:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Isso nos possibilita cada vez mais pensar na construção dos lugares e na realidade socioambiental a partir da cultura local. Pensando no desenvolvimento e na forma de produção das comunidades pesqueiras, a educação pode ser pensada a partir das concepções e a cultura que permeia o ambiente dos pescadores artesanais e de seus familiares, assim como as interações e imposições que os mesmos sofrem em relação à produção capitalista e a educação voltada para o consumo excessivo e pensamento individualista.

Assim, referencio esses posicionamentos com as palavras das autoras Moreira e Hespanhol (2014, p. 55).

Quando se propõe contextualizar sobre o lugar, vem à tona abordar a memória do indivíduo em relação ao lugar. Isso porque a memória traz a possibilidade de resgatar o lugar. O bairro se coloca como lugar da reprodução da vida imediata, seja da ordem próxima ou distante.

Para encerrar esse capítulo sobre a construção das relações de pertencimento comunitário, trago as palavras de Santos (2005, p.161): “hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”. A partir disso, é preciso o fortalecimento no sentimento de pertencimento, que está intrinsecamente ligado à forma como racionalizamos o mundo e como nos posicionamos referente a ele, bem como a compreensão acerca da importância da construção de uma relação de pertencimento comunitário que está diretamente ligada a valorização e conhecimento da sua cultura como também das demais culturas existentes na nossa sociedade. A escola pode resgatar e problematizar a cultura globalizado através dos princípios da Educação Ambiental.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”*. Ao mesmo tempo somos aprendentes e ensinantes, como diz Freire. (Paulo Freire, 1996, p. 25)

Quando escolhi esse tema para realizar minha pesquisa, não imaginava o quanto iria aprender com o mesmo e nem os desafios pessoais que iria enfrentar ao abordar esse assunto, que ao meu ver é importantíssimo para o desenvolvimento dos educandos e para construção de um ensino significativo tanto para os educandos quanto para seus familiares, comunidade e para construção de uma sociedade mais justa e que reconheça e valorize os povos e comunidades tradicionais existentes. Desafios, pois inúmeros foram os obstáculos que encontrei ao decorrer da pesquisa, aqui menciono que durante a realização da pesquisa enfrentamos uma pandemia a nível mundial o que modificou e ainda vem modificando toda a nossa estrutura enquanto sociedade, aqui diretamente ligada à nossas ações enquanto educandos, pesquisadores, profissionais da educação, escola e comunidade.

Sendo assim, ao realizar a coleta dos dados e observar os registros realizados no diário de campo, registros que emergiram a partir das inserções ecológicas, entrevistas com os profissionais, observações, gravações de áudio e análise de conteúdo realizada a partir das entrevistas.

Como também visando às questões que foram apresentadas para realização dessa pesquisa que aqui retomo, “Quais são as influências da cultura e do cotidiano de uma comunidade pesqueira nas interações e no processo educativo da escola? A escola ao observar e compreender esses aspectos sociais e culturais está contribuindo para o pertencimento comunitário? Quais percepções da escola que se localiza nessa comunidade sobre o sentimento de pertencimento local e para a promoção da Educação Ambiental?”.

Foi possível compreender que a relação entre a escola e a comunidade ocorre de inúmeras maneiras, porém levando em conta os relatos de todas as participantes ficou evidente que a escola ocupa uma posição de assistencialismo na comunidade, posição que ultrapassa a sua real intenção que é de ensino e educação.

Visto isso, ficou evidente que muito ainda precisa ser problematizado e colocado em prática, que os profissionais da educação devem compreender o quanto o resgate e a problematização da realidade presente na comunidade são importantes e fundamentais para o desenvolvimento dos educandos. Não só tratando de (re)conhecimento, mas principalmente de valorização da prática da pesca artesanal e das inúmeras funções que surgem junto a essa prática na comunidade. Esse reconhecimento parte da história e experiência dessa importante cultura tradicional, já que a pesca é uma das atividades mais antigas do estado do Rio Grande do Sul. E a cidade do Rio Grande é considerada o município de maior produção de pescados do Estado.

Pensando que se deve valorizar, incentivar e propor práticas e ações que resgatem a realidade vivenciada não só pelos educandos, mas também pelos seus familiares e pelos demais membros da comunidade a qual eles residem. Levando em conta, que muito precisa ser problematizado e resgatado para que não se perca com o decorrer do tempo e não seja desvalorizado pelas pessoas da própria comunidade, como também pela sociedade em geral. Problematizando aqui, que se os membros da comunidade não compreendem o valor das ações realizadas dentro do seu próprio lugar, como iremos construir essa relação de pertencimento e respeito em relação a prática da pesca artesanal perante a sociedade geral e junto as demais comunidades pertencentes a essa prática, como também junto as inúmeras práticas artesanais presentes na nossa sociedade.

Percebemos que existem diferentes influências sociais que refletem na comunidade (aqui irei referir-me somente a comunidade onde estive inserida ao decorrer da pesquisa, mas não esquecendo das demais comunidades que tem relação com a pesca artesanal). São influências que podem desviar e/ou descaracterizar a identidade da comunidade pesqueira, e, em longo prazo, podem promover a desconstrução e a perda de culturas tradicionais que foram e são importantes para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade de forma geral.

É evidente que a escola possui e tem um papel fundamental para essa comunidade, como também ficou claro por parte dos profissionais participantes, acerca do quanto o grupo que representou a escola, expôs em relação a importância do vínculo construído entre escola e comunidade e do quanto a escola se preocupa em trazer a comunidade para “dentro dos seus muros”. Porém, mesmo com a

urgência dessa comunidade, em relação a questões assistencialistas que são providas no ambiente escolar, a instituição de ensino possui um papel relacionado a educação, ensino e resgate das aprendizagens que são e serão importantes para o desenvolvimento e para o decorrer da vida dos educandos. O que vai além das necessidades do momento, questões que perpassam a vida dos educandos durante toda a sua existência.

Pensando que assim, a escola enquanto um contexto microssistêmico que promove interações na comunidade em que está inserida (BRONFRENBRENNER, 1996). Possui um papel importante e fundamental junto a sociedade. E que as mudança e conscientização necessárias para todos (as) que integram a comunidade (aqui incluo a escola e seus profissionais) só será possível por meio da Educação Ambiental e dos seus princípios de pensar o meio ambiente em sua totalidade, integrando as esferas políticas, sociais, econômicas e ambientais. Refletindo a partir da ideia, de que “quanto maior a prática social, maior será a possibilidade de transformação” (MOURA, 2016, 146).

Aqui retomando, que a escola e os profissionais da educação devem exercer um papel efetivo referente a suas ações e propostas na e com a comunidade a qual ela pertence e deve levar em consideração as especificidades dos indivíduos inseridos no ambiente escolar como também a realidade socioambiental do local. Na busca da construção do sentimento de pertencimento mútuo em relação ao espaço escolar e a comunidade. Lembrando que segundo a autora Lais Mourão de Sá (2005): o sentimento de pertença se torna possível por meio da educação. Somos atores sociais historicamente construídos e o sentimento de pertencimento está diretamente relacionado com a nossa identidade, pelo conjunto de significados e sensações experienciadas por nós. O ser humano ao sentir-se pertencente a um determinado lugar, constrói sentidos e significados, tomando consciência de si e do local e da responsabilidade que possui perante esses lugares.

Contudo as considerações e mudanças, sugeridas ao longo da escrita foram realizadas buscando auxiliar as escolas, seus profissionais, como também a gestão do município em relação a luta por uma escola e uma sociedade para todos e que leve em conta as especificidades, a cultura e os costumes das pessoas, na busca pelo (re)conhecimento da sua cultura e do sentimento de sentir-se pertencente aos espaços que ocupa.

Nesse sentido, os resultados desta investigação podem vir a colaborar não apenas para as escolas e para os envolvidos na área educacional, mas também para apontar a urgência na (re)formulação e (re)construção de ações e projetos por parte da gestão pública do município, afins de suprir a necessidade dos moradores dessa e das demais comunidades, sem que a população necessite da escola para as funções assistencialistas que são de seu direito. Entendemos que a escola tem um papel fundamental na Educação Ambiental comunitária e na preservação da sua identidade e pertencimento ao contexto natural, oportunizando assim, qualidade de ensino, educação, segurança e saúde para a população. Com os resultados apresentados compreendemos a importância da formação continuada das/os profissionais que atuam no contexto escolar para que a escola se (re)descubra frente a sua função educacional, a possibilidade de resgate do sentimento de pertencimento e o papel significativo para a Educação Ambiental das crianças e jovens da comunidade escolar.

Desta forma, acreditamos que essa pesquisa pode contribuir para a formação de professores almejando que eles compreendam acerca da importância que a escola tem na trajetória dos educandos e na comunidade em que está inserida. Compreendendo a relevância da Educação Ambiental na escola para a manutenção/resgate da cultura tradicional pesqueira, o (re)conhecimento do pertencimento da cultura local e a problematização da realidade vivenciada pela comunidade.

Finalizo essa escrita com o propósito de continuidade e de retorno à comunidade escolar participante da pesquisa, com o compromisso de enquanto pesquisadora de apresentar as minhas reflexões e proporcionar a formação continuada dos/as profissionais com propostas que possam ser desenvolvidas pela escola e, possivelmente, na comunidade pesqueira do município. Entendemos que esse retorno é uma forma de contribuição da pesquisa para construir e resgatar saberes locais, ansiando por uma educação respeitosa e que leve em conta a realidade, as vivências, as histórias e os interesses dos educandos, e que, assim, possibilite que os mesmos tenham inúmeras compreensões e possam identificar que sua cultura é valorizada no ambiente escolar. A educação ambiental perpassa a compreensão que é preciso o processo formativo contínuo dos/das profissionais da escola para mobilizar a construção de saberes e reconhecimento sobre as

possibilidades de se (re) conhecer e de cuidar do nosso entorno natural para qualificar as nossas vidas.

## 7 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BRASIL. Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.779.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.779.htm). Acesso em: 29 dez. 2021.

Brasil. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Decreta a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm). Acesso em 24 de jul. 2019.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2ª Reimpressão, Porto Alegre: Ed. Artmed, 1996/2002.

CECCONELLO, A. M., & KOLLER, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Ed. Ver.e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Corporeidade e lugar**: Elos da Produção da Existência. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA Jr., Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Orgs.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012.

COUSIN, Claudia da Silva. **Pertencer ao navegar, agir e narrar**: formação dos educadores ambientais. Tese não publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-PPGEA FURG. Disponível em: <https://educacaoambiental.furg.br/images/stories/teses/2010/cludia%20da%20silva%20cousin.pdf>. Acesso em jul. 2019.

DOLCI, Luciana. **Educação estético-ambiental**: potencialidades do teatro na prática docente/ Luciana Netto Dolci - 2014. 202 f. Tese (doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS.

DOLCI, Luciana; MOLON, Susana Inês. **Educação Estético-Ambiental**: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 785-806, abr./jun., 2018. E-ISSN: 19825587. DOI: 10.21723/riaee. v13.n2.2018.9656.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. São Paulo, Perspectiva, 1989, p.170.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar**: globalização ou pós-desenvolvimento? En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.  
FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ESTÉVEZ, Pablo René. A educação estética: experiências da escola cubana. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, n. 09, julho/dezembro de 2000.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FILHO, Aderval Costa; MENDES, Ana Beatriz Vianna. **Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Minas Gerais: Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS) - Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), 2012.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**. Introdução à pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1980/1988.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 4º Ed. São Paulo: Editora Ártica, 1991.

GARCIA, Narjara Mendes. **Educação nas famílias de pescadores artesanais: Transmissão geracional e processos de resiliência** - 2007, 87 f. Dissertação (mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS.

GIACAGLIA, L. R. A.; PENTEADO, W. M.A. **Orientação educacional na prática**: princípios, histórico, legislação, técnicas, instrumentos. 6 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto historiográfico**. Tradução: Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 2 ed. São Paulo, Atlas, 1991, p. 224.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental e educação para o desenvolvimento sustentável**: polêmicas, aproximações e desafios. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B. e LAMOSA, Rodrigo. Educação ambiental no contexto escolar: um balanço crítico da década da educação para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Quartet; CNPq, 2015.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. “Educação Ambiental e Gestão Participativa na Explicitação e Resolução de Conflitos”. In: Gestão em Ação. v.7, no 1, jan./abr. Salvador, 2004. p.16.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental transformadora**. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.) Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA/DEA, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora**. In: Ambiente & Educação – Revista de Educação Ambiental da FURG, v.8, Rio Grande: Editora da FURG, 2003.

MARANDOLA, Jr. **Lugar Enquanto Circunstancialidade**. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 1998. 256 p. Organização e Introdução: Osvaldo Coggiola; Tradução: Alvaro Pina.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, Sícero Agostinho. **Ontologia do Ser Mais**: na formação de professores e na construção de uma pedagogia da pesca – 2019. 202 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS.

MOREIRA, Érica Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O lugar como uma construção social**. Revista Formação, n.14, v.12, p. 48-60, 2014.

OLIVEIRA, Livia de. **O Sentido de Lugar**. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PELLEJERO, Nadja Karin; COSTA, José Ricardo Caetano. Direitos e justiça (CIDIJUS/FURG): a proteção social dos pescadores e pescadoras do estuário da lagoa dos patos – o direito em busca do empoderamento e exercício da cidadania In: Costa, José Ricardo Caetano; Soares, Hector Cury; Costa, Eder Dion de Paula (Org.). Cadernos CIDIJUS. 1ed. Rio Grande: IBRAJU Edições, 2020, v. 1, p. 40-55.

PEREIRA, M. O. R. Educação Ambiental com Pescadores Artesanais: um convite à participação. Dissertação de Mestrado PPGA – FURG, Rio Grande, 2006

QUINTAS, J.S. Educação no processo de gestão pública: a construção do ato pedagógico. In: Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Philippe Pomier Layrargues, Ronaldo Souza de Castro (Orgs.) Repensar a educação ambiental: um olhar crítico – São Paulo: Cortez, 2009. p: 33 – 80

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 5ªed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS. Milton. **O retorno do território**. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, María Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS. Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS. Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005

SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Itinerários da Educação Ambiental**: um convite a percorrê-los. In: SATO, M. CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, F. C. T. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Educar, Editora UFPR, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28.pdf>> Acesso em: 30 de jun.2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. Rev. Bras. Educ.[online]. 2003, n.23, pp.5-15. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01>> Acesso em: 30 de jun. 2019.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico**. Contemporaneidade e Educação (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Cultura Escolar, ano 5, n. 7, 2000.

WALTER, T.; CALDASSO, L. P.; MORAES, J. F. V.; SILVA, E. P.; ALMEIDA, I. F.; DIAS, T. A pesca artesanal dos bagres no estuário da Lagoa dos Patos/RS: um debate sobre uma gestão pesqueira ancorada na injustiça ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 44, p. 199-222, 2018. Acesso em 29 de dez. 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/54961/0>>.

## 8 APÊNDICES

### 8.1 Apêndice 1: Orçamento Prévio:

<b>PLANEJAMENTO ORÇAMENTÁRIO</b>	
<b>Título do Projeto:</b> EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR EM COMUNIDADE PESQUEIRA: PERCEPÇÕES CULTURAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PERTENCIMENTO.	
<b>Pesquisador Responsável:</b> Priscila Machado Graça.	
<b>Instituição / Unidade / Departamento:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG/ INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE / PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA.	
<b>Fonte(s) do(s) Recurso(s) (Instituição ou Pessoal):</b> Pessoal (Financiamento Próprio).	
<b>DESPESAS</b>	
<b>Descrição Pessoal / Pesquisador:</b> impressões dos termos.	<b>Valor: 9,80</b>
<b>Descrição Pessoal / Pesquisador:</b> transporte (total de 14 passagens de ônibus linha municipal).	<b>Valor: 64,40</b>
<b>Descrição Pessoal / Pesquisador:</b> compra de uma HD externa (Seagate 2.5 Backup Plus 1 tb portátil disco rígido externoBR).	<b>Valor: 256,80</b>
<b>Valor Total: R\$ 331,00</b>	
	
_____ <b>Pesquisador Responsável</b>	

## 8.2 Apêndice 2 – Roteiro prévio de entrevista gestão escolar e coordenação.

**Participante:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

- 1) Quais os elementos culturais são trabalhados na escola? São considerados aspectos da cultura pesqueira?
- 2) Como a escola envolve a comunidade no seu dia a dia?
- 3) Como as famílias da comunidade participam do cotidiano escolar?
- 4) Qual o papel da escola na relação à comunidade?

### 8.3 Apêndice 3 – Roteiro prévio de entrevista professores (as).

**Participante:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

- 1) Quais os elementos culturais são trabalhados em sua sala de aula?
- 2) Qual o papel da escola em relação a comunidade?
- 3) São considerados os aspectos da comunidade pesqueira no cotidiano escolar?
- 4) Nas falas dos alunos eles trazem informações acerca dos seus interesses e dos aspectos culturais da comunidade?
- 5) Quais os principais assuntos sobre a realidade comunitária abordados pelos alunos em sala de aula?

#### 8.4 Apêndice 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participante.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DA EDUCAÇÃO - IE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
Responsável pela coleta dos dados: Priscila Machado Graça  
Telefone: (53) 999109753 E-mail: [pitty\\_machado@hotmail.com](mailto:pitty_machado@hotmail.com)

Prezado (a) participante,

Sou estudante do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da professora Narjara Mendes Garcia, cujo objetivo é compreender como ocorre a interação entre escola e a sua comunidade, a partir das percepções sobre a cultura, o pertencimento e os aspectos ambientais da comunidade pesqueira. A sua participação envolve, participar de uma entrevista semiestruturada, com a duração aproximada de uma hora, que será gravada. Essa entrevista é realizada a partir de perguntas previamente construídas pela pesquisadora e ao longo da conversa podem surgir mais questionamento pertinentes a pesquisa. Sua participação neste estudo é voluntária. Você pode sentir-se à vontade para não responder qualquer um dos questionamentos. Se você decidir não participar ou quiser desistir de participar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. A princípio a pesquisa não irá gerar nenhum risco, tanto para a pesquisadora quanto para os participantes da pesquisa. Mas é importante salientar que caso, a pesquisa gere algum desconforto para o participante, esse poderá retirar a sua autorização a qualquer momento ao decorrer da realização da pesquisa. Em caso de evento adverso relacionado à pesquisa, a pesquisadora garantirá assistência imediata, integral e gratuita ao participante. Conforme Resolução CNS Nº 466 DE 2012, Art. 2, itens II.3, II.3.1. Os resultados deste estudo poderão eventualmente ser publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-la. Apesar de que você não terá

benefícios diretos em decorrência de sua participação, o provável benefício que lhe advirá por ter tomado parte nesta pesquisa é a consciência de ter contribuído para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Se você tiver qualquer pergunta em relação à pesquisa, por favor, entre em contato.

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Priscila Machado Graça.

**ENDEREÇO:** Rua Ângelo Trindade, 1779.

**TELEFONE:** (53) 99910-9753

**EMAIL:** p\_itty\_machado@hotmail.com

- Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador

(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

Atenciosamente: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

**Assinatura da pesquisadora e responsável pela coleta de dados:**

**Priscila Machado Graça Contato: (53) 999109753**

Consinto em participar deste estudo:

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

(Assinatura do participante da pesquisa.)

Contato: ( ) \_\_\_\_\_

<sup>12</sup> Informo que essa pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG), o qual tem por finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa.

- Localizado no endereço Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, no Município do Rio Grande – RS, Brasil. Bairro: Campos Carreiros. CEP: 96.203-900. Telefone: (53)32373013. E-mail: cep@furg.br

\_\_\_\_\_

## 8.5 Apêndice 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Instituição de Ensino.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DA EDUCAÇÃO - IE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
Responsável pela coleta dos dados: Priscila Machado Graça  
Telefone: (53) 999109753 E-mail: p\_itty\_machado@hotmail.com

Esta instituição está sendo convidada a participar, da pesquisa – **(EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR EM COMUNIDADE PESQUEIRA:**

**PERCEPÇÕES CULTURAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE**

**PERTENCIMENTO)**, no caso de aprovação, favor assinar ao final do documento.

A participação não é obrigatória, mas é importante para realização da pesquisa. A participação após aprovada, pode ser retirada a qualquer momento ao decorrer da realização da pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**TÍTULO DA PESQUISA:** EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR EM COMUNIDADE PESQUEIRA: PERCEPÇÕES CULTURAIS E PRÁTICAS

EDUCATIVAS DE PERTENCIMENTO”.

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Priscila Machado Graça.

**ENDEREÇO:** Rua Ângelo Trindade, 1779.

**TELEFONE:** (53) 99910-9753

**EMAIL:** p\_itty\_machado@hotmail.com

**OBJETIVO DA PESQUISA:** “Compreender como ocorre a interação entre escola e a sua comunidade, a partir das percepções sobre a cultura, o pertencimento e os aspectos ambientais da comunidade pesqueira”.

**JUSTIFICATIVA:** justifico minha intenção de pesquisa, salientando que como pedagoga acredito ser de extrema importância as relações construídas entre a escola e a comunidade. Tendo em vista que minha pesquisa, possibilitará um maior conhecimento, na intenção de satisfazer meus anseios de lutar por uma escola para todos e que leve em conta as especificidades, cultura e costumes de seus educandos. Na busca por compreender como se dá a interação entre escola e comunidade pesqueira. E para além disso, possibilitar que outras pessoas possam ler e compreender a importância que as escolas têm na trajetória de uma criança e o quanto é importante que a escola compreenda que os interesses e as questões que perpassam o cotidiano das crianças e suas famílias, respeitando e possibilitando que as crianças encontrem nas escolas, um local de descobertas, saberes, respeito, troca e valorização referente as pessoas e ao ambiente.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** A abordagem metodológica utilizada será a

Inserção Ecológica, onde a pesquisadora irá se inserir na comunidade participando de encontros e entrevistas que envolvam a escola e a comunidade. Ao decorrer da inserção a pesquisadora irá fazer registros no seu diário de campo e gravações de áudio das entrevistas.

**RISCOS E DESCONFORTOS E MEDIDAS:** a princípio a pesquisa não irá gerar nenhum risco, tanto para a pesquisadora quanto para os participantes da pesquisa. Mas é importante salientar que caso, a pesquisa gere algum desconforto para o participante, esse poderá retirar a sua autorização a qualquer momento ao decorrer da realização da pesquisa. Em caso de evento adverso relacionado à pesquisa, o pesquisador garantirá assistência imediata, integral e gratuita ao participante. Conforme Resolução CNS Nº 466 DE 2012,

Art. 2, itens II.3, II.3.1.

**BENEFÍCIOS:** a pesquisa trará benefícios a escola e a comunidade, principalmente no que diz respeito ao seu relacionamento e a compreensão da importância dessa relação de respeito e pertencimento.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** não haverá nenhum gasto com sua participação. Você também não receberá nenhum pagamento com a sua participação. **CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** garantia de sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos e instituições quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, os dados não serão divulgados.

**INFORMAÇÃO:** informo que essa pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG), o qual tem por finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas dentro dos padrões éticos consensualmente aceitos e legalmente preconizados, baseados nos princípios, universalmente aceitos, de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

O Comitê de Ética em Pesquisa da FURG (CEP-FURG), fica localizado no endereço Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, no Município de Rio Grande – RS, Brasil. Bairro: Campos Carreiros. CEP: 96.203-900. Telefone:

(53)32373013. E-mail: cep@furg.br

Assinatura do Pesquisador Responsável:

\_\_\_\_\_ Eu,  
\_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado (a) pelo pesquisador(a) – **Priscila Machado Graça** - dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou interrupção de meu

acompanhamento/assistência/tratamento. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Poderei consultar o pesquisador responsável (acima identificado) ou o PPGEA-FURG, com endereço na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e minha participação no mesmo.

Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados.

Rio Grande, \_\_\_\_\_ de 2021.

---

(Nome do representante da Instituição de Ensino)

---

(Assinatura)